

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

ALINE SOARES SANTOS

**MESTRE RUBÉRIO: A MEMÓRIA EM FORMA DE ARTE NO BAIXO
SÃO FRANCISCO EM PIRANHAS – ALAGOAS**

DELMIRO GOUVEIA

2023

ALINE SOARES SANTOS

**MESTRE RUBÉRIO: A MEMÓRIA EM FORMA DE ARTE NO BAIXO
SÃO FRANCISCO EM PIRANHAS – ALAGOAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Licenciatura Plena em História da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, como requisito para obtenção do título de Licenciada em História.

Orientadora: Profa. Dra. Sheyla Farias Silva

DELMIRO GOUVEIA

2023

FOLHA DE APROVAÇÃO

ALINE SOARES SANTOS

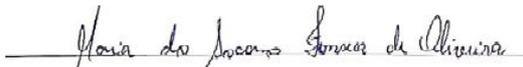
MESTRE RUBÉRIO: A MEMÓRIA EM FORMA DE ARTE NO BAIXO SÃO FRANCISCO EM PIRANHAS - ALAGOAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Licenciatura Plena em História da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, como requisito para obtenção de título de Licenciada em História, aprovado em 24/07/2023.

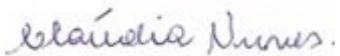
Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 SHEYLA FARIAS SILVA
Data: 19/08/2023 10:16:55-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Sheyla Farias Silva- UFAL (Orientadora)



Profa. Me. Maria do Socorro Fonseca de Oliveira



Profa. Dra. Cláudia Nunes

RESUMO

Este artigo apresenta a história de vida do artesão Rubério de Oliveira Fontes, residente no município de Piranhas/AL, que contribui para a disseminação da história da região do Baixo São Francisco, no estado de Alagoas, por meio de seu artesanato em madeira. O objetivo desta pesquisa é demonstrar a importância do seu artesanato para a região do Baixo São Francisco, utilizando as memórias do mestre artesão como base. Para alcançar tais objetivos, utilizou-se a metodologia de pesquisa bibliográfica, com foco em textos relacionados ao tema da memória e ao artesanato, além de uma abordagem qualitativa com pesquisa de campo, por meio do método da História Oral, com entrevistas estruturadas gravadas em áudio e também por meio de e-mail. Dessa forma, espera-se aumentar a visibilidade das formas artísticas sertanejas e obter reconhecimento do patrimônio histórico-cultural de Alagoas por meio das práticas artesanais em Piranhas.

PALAVRAS-CHAVES: Arte em madeira; Baixo São Francisco; Patrimônio vivo; História Oral.

ABSTRACT

This article presents the life story of the artisan Rubério de Oliveira Fontes, resident in the municipality of Piranhas/AL, who contributes to the dissemination of the history of the Baixo São Francisco region, in the state of Alagoas, through his wooden handicrafts. The objective of this research is to demonstrate the importance of his handicrafts for the Baixo São Francisco region, using the memories of the master craftsman as a base. To achieve these objectives, we used the methodology of bibliographic research, focusing on texts related to the theme of memory and craftsmanship, as well as a qualitative approach with field research, through the method of Oral History, with structured interviews recorded in audio and also through e-mail. In this way, it is expected to increase the visibility of the sertanejas artistic forms and obtain recognition of the historical-cultural heritage of Alagoas through the artisanal practices in Piranhas.

KEYWORDS: Wooden art; Lower San Francisco; living heritage; Oral history.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	6
2 O ARTESANATO DE PIRANHAS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL	10
3 AS MINIATURAS EM MADEIRA	16
4 MESTRE RUBÉRIO: HISTÓRIA E MEMÓRIA	24
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
6 REFERÊNCIAS	32

1 INTRODUÇÃO

No Baixo São Francisco¹ alagoano podem ser identificadas várias linhas culturais como música, dança, folclore, literatura, com destaque para a literatura de cordel, os mitos, crenças e religiosidades, gastronomia e na forma do artesanato, este último, possibilita também a geração de renda a muitas famílias sertanejas. O artesanato desta região do Sertão de Alagoas é reconhecido por possuir um grande valor histórico e cultural (GRAMACHO et al., 2017). Em relação ao artesanato, a região vai ter influência dos colonizadores que por esse local habitou.

A influência dos colonizadores holandeses, franceses e portugueses na região pode ser encontrada a partir dos bordados a mão, muito presentes no dia a dia das comunidades na zona rural de Piranhas e urbana de Penedo. Ainda que se tenha grandes influências de colonizadores europeus em Alagoas, o artesanato não perdeu sua personalidade, pois existe muita variedade e riqueza de identidade cultural em seus traços, fazendo com que o artesanato seja uma marca que identifica os povos ribeirinhos da região. Outra nuance para ser ressaltada é que tanto homens como mulheres fazem parte da prática do artesanato em Piranhas e demais cidades da região do Baixo. (GRAMACHO et al, 2017).

A arte de se tecer e cunhar objetos com as mãos representa na vida de famílias de artesãos a experiência transmitida na forma de arte manual, passada e repassada de geração a geração. É a tradição que uma criança vê, com olhos curiosos, o avô ou avó manusear e, que ao crescer vai dar novo fôlego a essa tradição. O artesanato consiste em uma troca simbólica, uma forma de manter viva uma cultura, como também a memória de um povo através desse ofício (DIAS, 2003). Pelos motivos citados, a oralidade histórica se encaixa nesta pesquisa sobre os artesanatos do artesão Rubério em Piranhas.

A memória desempenha um papel fundamental na preservação da rica cultura dos artesãos. É por meio dela que podemos acessar os conhecimentos e a sabedoria de pessoas que muitas vezes são subestimadas na sociedade, mas carregadas de talento fixado em suas criações, afinal, de artesão para artista não existe muita diferença. No artesanato, a transmissão de conhecimento acontece de forma prática, o artesão ensina fazendo ou dizendo como se faz, daí a relação direta da oralidade na passagem de tradições. (DIAS, 2003).

No cenário cultural, Alagoas ocupa um espaço significativo no âmbito do artesanato, tendo uma grande concentração em Piranhas. O Estado alagoano, atualmente, possui o

¹Região fisiográfica da bacia hidrográfica do Rio São Francisco que vai de Paulo Afonso/BA à Foz.
<https://infosaofrancisco.canoadetolda.org.br/bacia-do-rio-sao-francisco/>

número de 15.204 artesãos cadastrados, segundo o Programa do Artesanato Brasileiro (PAB), esse montante coloca Alagoas no segundo lugar de estado que abriga mais artesãos em relação aos outros do Brasil. Algumas ações afirmativas são executadas em Alagoas com o objetivo do fortalecimento da comunidade artesã, um exemplo disso é o *Programa Alagoas feita a mão* criado em 2015. A ação consiste em editais de seleção para que os artesãos possam mostrar o seu trabalho em feiras e eventos nacionais, além disso, o programa também conta com uma plataforma digital para comercialização das peças, além da identificação dos locais de trabalho dos artesãos por meio de mapeamento (SILVA, 2020).

O Baixo São Francisco, onde o município de Piranhas se localiza, possui forte identidade cultural identificada por meio do artesanato, essa prática se caracteriza pela sabedoria do ofício passada por gerações de forma oral. Os artesãos mais velhos compartilham seus conhecimentos sobre o artesanato com os jovens, que se tornarão artesãos dentro da comunidade. O artesanato em barro e cerâmica se destaca, constituindo-se de uma herança cultural trazida também pelos povos originários africanos e indígenas, além dos bordados advindos da colonização na região de Piranhas e Penedo, ambos municípios alagoanos. Em Almeida (2003) podemos ver como exemplo de cerâmica de indígenas as do Kariri-Xocó que, a cerâmica deles podem ser subdivididas em três divisões: potes, panelas e afins; tijolos e miniatura.

Entre os artesãos alagoanos, assim como em outras partes do país, temos a participação de homens e mulheres, mas com predominância de mulheres no ofício. Entre as técnicas utilizadas nos trabalhos manuais em Piranhas e outras localidades como Penedo, existem matérias-primas em comum, como por exemplo, palhas, fibras, tábuas, licuri, sisal e outras. Nas feiras livres, é comum encontrar artigos feitos em couro, barro e madeira que variam de utilidade, desde filtros e panelas de barro a cintos e outros artigos em couro (GRAMACHO et al, 2017).

Apresentados os aspectos iniciais é possível afirmar que, o presente trabalho tem como foco principal evidenciar a importância dos artesanatos de Rubério de Oliveira Fontes para a história cultural do Baixo São Francisco, em especial, a cidade de Piranhas/AL, e o quanto suas obras são essenciais para manter na memória dos habitantes a história da Estrada de Ferro Paulo Afonso, das Embarcações que navegavam no rio São Francisco e as Carrancas que acompanhavam as embarcações como proteção para os barqueiros. Este estudo também se propõe a caracterizar a prática do artesanato local, tendo em vista suas particularidades através do depoimento dado em entrevista pelo artesão Rubério Fontes.

Em relação ao processo de pesquisa, ela se enquadrará na Pesquisa Explicativa, na

Pesquisa de Estudo de Caso e na Pesquisa de Campo, pois uma não inviabiliza a outra, com o tipo de abordagem qualitativa, onde a coleta de dados deu-se através de entrevistas, fotos e levantamentos bibliográficos. Portanto, este estudo conta com a entrevista oral, por meio de gravação de aparelho celular sobre as obras do senhor Rubério (FONTES, 2022). O objeto do estudo também conta com a aplicação de questionário – via e-mail - com Álvaro Silva e Felipe Nascimento. A escolha por entrevistá-los deu-se devido a sensibilidade que ambos têm nas questões referentes à cultura da cidade.

Álvaro Silva é graduado em Arquitetura e Urbanismo pela FAUPE, bacharelado em Turismo pela UNICAP, possui especialização em Conservação Integrada Urbana e Territorial, e é mestre em História pela EFPE. Ele também atuou como professor na Universidade de Pernambuco e trabalhou na Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF) por quase quatro décadas, desempenhando o papel de coordenador das Ações Ambientais da UHE Xingó e outras usinas e complexos hidroelétricos. Ele coordenou e participou dos estudos e levantamentos para o tombamento da cidade de Piranhas e do Distrito de Entremontes pelo IPHAN, em 17 de novembro de 2003, como Patrimônio Histórico e Paisagístico Nacional. Em 2002 recebeu o Título de Cidadão Piranhense e é idealizador, fundador e membro efetivo da Academia Piranhense de Letras e Artes (APLA). Desde 2002, ele mantém a CASA².

Ao longo dos anos Álvaro Silva tem contribuído muito para a cidade de Piranhas. Atualmente vem desenvolvendo tema relacionado a Invisibilidade Humana, ele foi idealizador do projeto sobre o artesão Rubério que contou com uma exposição fotográfica e de objetos, lançamento de Selo pelos Correios alusivo ao evento, folder, tarde de aplauso na Câmara de Vereadores de Piranhas. O projeto também contou com vídeo documentário sobre o artesão Rubério à frente o historiador Felipe Nascimento.

O outro entrevistado Felipe Nascimento é Licenciado em História pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), pós-graduado em Arqueologia e Patrimônio. Idealizador do bloghistoriasertao.blogspot.com que visa divulgar a história e memória do sertão alagoano.

² Centro de Cultura e Ações Socioambientais no bairro do Cabrobó, Centro Histórico da cidade com várias atividades culturais, quais sejam: Pastoril da CASA desde 2002, Auto Natalino 2016, Decoração Natalina de rua, Coral Infantojuvenil (2002/2004), Festa das Crianças, Curso de sanfoneiro e sanfoneira Mestre Cafau (2008/2010), Banda de Pífano da CASA, Biblioteca, criou o Bloco Infantil Os Trovoletas em 2005. Adquiriu o imóvel de Dulci, *1935/+2022, uma artista circense piranhense, onde será instalada a CASA de Dulci, espaço museu de memória da artista.

Também idealizador da página @estradadeferropauloaffonso (Facebook e Instagram) que foca na pesquisa relacionada a história dessa ferrovia e sua influência nos sertões através de *lives* com pesquisadores e especialistas na área. Também é membro efetivo da Academia Piranhense de Letras e Artes (APLA).

O presente artigo se baseou em fontes primárias e secundárias caracterizadas na forma de pesquisa bibliográfica. Como ferramenta primordial na pesquisa, temos a prática da História Oral, metodologia que é utilizada aqui como instrumento de coleta de dados, com os testemunhos do artesão e outros personagens ligados ao tema, através de gravação e transcrição de entrevistas com questionários previamente estruturados e questionários via e-mail. Dessa forma, utilizou-se o método que vai além de uma técnica, pois é um recurso que possui um procedimento organizado e rigoroso, capaz de atestar a aquisição de resultados válidos para planos esboçados desde a criação de um projeto (MEIHY e HOLANDA, 2007), e ainda, é possível assentir que “quase sempre, os registros de história oral de vida são longos e devem estar sujeitos à captura do sentido da experiência vivencial de alguém. A individualização é fundamental, e cada indivíduo deve ser tratado como um caso específico” (MEIHY, 1994, p. 56).

Durante séculos, os relatos orais foram a maior fonte de conhecimento humano para a preservação e divulgação do conhecimento, a maior fonte de dados para a ciência em geral de acordo com Queiroz (1987). Foi através desses relatos orais que pudemos conhecer a vida de nossos antecedentes, suas formas de sobreviver, seus modos, os meios que viveram, a fauna, tudo graças aos relatos orais, sem eles tudo poderia estar perdido ao longo do tempo.

Este trabalho também se apoia na História Cultural, que tem como objeto de pesquisa o estudo de temas reais para a sociedade “No lugar de objetos previamente definidos como culturais, a história cultural contemplaria de fato o conhecimento de uma dimensão do real.” (FALCON, 2006, p. 334). A História Cultural propõe a diversidade de novos temas de pesquisa e novos personagens, antes negligenciados por uma História positivista e dos grandes feitos, que excluía mulheres e homens simples como o artesão Rubério.

Barros (2003) nos relata ainda que serão práticas culturais não apenas o fazer de um livro, ou uma maneira artística, ou uma metodologia de ensinar, mas a forma como os indivíduos em uma dada sociedade fala ou fica em silêncio, comem ou bebem, sentam-se ou andam, dialogam ou discutem, manifestam-se por solidariedade ou inimizade, morrem ou adoecem, tratam seus loucos ou recebem os estrangeiros.

O presente trabalho se estrutura em quatro capítulos, dada a introdução do tema, no primeiro, no segundo capítulo, apresenta-se o município de Piranhas/AL, e se faz uma

contextualização da importância do artesanato para a região mostrando que o artesanato é uma forma de salvar a história local, na memória daqueles que compram esses artigos. No terceiro capítulo, adentramos no mundo das miniaturas de madeira talhadas pelo artesão escolhido como parte do objeto desta pesquisa, onde será falado sobre as suas produções relacionando as peças que ele fez as réplicas com as originais e conhecer um pouco mais sobre os tamanhos, cores e madeira usada nas peças e no último é apresentada uma biografia do artesão.

2 O ARTESANATO DE PIRANHAS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL

Durante a metade do século XVIII, começou o povoamento das áreas conhecidas como Piranhas (Piranhas de baixo) retratada na fotografia 1 abaixo, antes chamada de Tapera. A alteração do nome da localidade para Piranhas ocorreu quando um pescador da comunidade capturou uma grande piranha, e assim passou a ser conhecida com esse nome. A pecuária, agricultura e pesca eram as principais fontes de sustento das famílias. (VENTURA, 2019). Mas foi a partir do início da navegação a vapor, que a cidade teve sua primeira fase de desenvolvimento. É o que nos diz Silva (2003):

A navegação a vapor iniciada em 1867, estabeleceu linha regular entre as cidade de Penedo e Piranhas, e a estrada de ferro mudou as condições de comunicação entre o litoral e o sertão nordestino. São acontecimentos modernizadores propiciados pelo desenvolvimento tecnológico, respectivo à segunda metade do século XIX, que romperam o curso da história do sertão alagoano. (SILVA, 2003, p. 13).

Fotografia 1: Centro Histórico da cidade de Piranhas/AL.



Fonte: Arquivo Pessoal Felipe Nascimento, 2020.

Ventura (2019) evidencia ainda que o porto de Piranhas desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento regional, pois era o último ponto navegável na região do Baixo São Francisco. A partir desse ponto, o rio se tornava perigosamente intransitável, impedindo a continuação da navegação. Por essa razão, Piranhas se tornou uma parada obrigatória para aqueles que vinham dos sertões nordestinos de Pernambuco, Bahia e outras regiões ao longo do rio São Francisco, assumindo assim a posição de um importante centro comercial. Foi nesse período que a navegação no Baixo São Francisco começou a ser praticada, impulsionando o crescimento desse núcleo comercial.

Porém, antes dos vapores, uma embarcação em especial, a Canoa de Tolda, já percorria os caminhos do Baixo São Francisco, segundo Vieira (2021), possui:

características estruturais e estéticas singulares, a embarcação típica desse trecho do Rio São Francisco é o fruto final de diversas influências de tecnologias e tradições navais: portuguesas, africanas, orientais, holandesas e nativas, talvez um exemplo único no mundo com tão variadas origens. Passando por várias transformações e usos durante os séculos, a canoa de tolda evoluiu de forma exemplar para realizar o transporte de mercadorias entre as cidades ribeirinhas das margens alagoana e sergipana da foz até Piranhas. (VIEIRA, 2021).

As Canoas de toldas passaram a dividir os caminhos com os vapores, marcando o início de desenvolvimento local. (VIEIRA, 2021).

Entre 1878 a 1883 foi construída a Estrada de Ferro Paulo Afonso que ligava as cidades de Piranhas a Jatobá (Petrolândia submersa), diante da necessidade de um transporte que interligasse o Baixo São Francisco ao Alto, e que socorresse os milhares de flagelados da seca de 1877 (CORREIA, 2015). De acordo com Silva (2003) essa linha ferroviária facilitaria as trocas comerciais entre as regiões, prática que se tornava cada vez mais evidente nas cidades. E ressalta que além do objetivo comercial, a ferrovia também passaria por um trecho do Rio São Francisco que não era propício à navegação por conta de inúmeros acidentes geográficos.

E que ainda fora a ferrovia, é necessário destacar os outros tipos de transportes utilizados nesse período, como as embarcações a vapor, que junto a ferrovia, realizava o transporte dos habitantes e comerciantes aumentando a circulação populacional e trocas culturais, o que posteriormente, atrairia cada vez mais o crescimento social e comercial das regiões beneficiadas pelo vapor e trem. Os vestígios que comprovam que houve a instalação desta ferrovia em Piranhas ainda existem e são conservados na cidade na forma da estação

ferroviária, a torre do relógio localizada na Praça do Recinto na parte baixa de Piranhas (SILVA, 2003, p. 34).

Em 1964 é desativada a ferrovia, esse fato fez com que um possível crescimento econômico, cultural e social da região fosse embargado por um período de dez anos, e somente em 1980, conseguiu sair desse marasmo através da instalação da hidrelétrica. Com a construção da Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF), de acordo com (BARBOZA, 2018) o panorama econômico mudou de situação, e Piranhas passa a crescer novamente diante da geração de empregos gerados pela construção e manutenção da hidrelétrica, esse fato também explica o crescimento das atividades do comércio na região. Nesse período, a companhia também precisou de um grande volume de mão de obra, que foi trazida de fora e acabou se estabelecendo na cidade.

A parte baixa do município de Piranhas é considerado pelo IPHAN como Patrimônio Histórico Nacional, sendo tombada em 2004. Foi emancipada em 03 de maio de 1887. Atualmente, Piranhas/AL conta com uma população de 22.609 mil habitantes, segundo estimativa do IBGE em 2022³, sua área é de 403,995 km² (2022), com densidade de 55,96 hab/km² (2022). Faz divisa ao norte com o município de Inhapi/AL, ao sul com o estado de Sergipe, a leste com os municípios de São José da Tapera/AL e Pão de Açúcar/AL, a oeste com o município de Olho d'Água do Casado/AL e a nordeste com o município de Senador Rui Palmeira/AL.

Piranhas é reconhecida nacionalmente como um importante centro cultural, não apenas por sua rica história, mas também por seus patrimônios arquitetônicos e artesanais. A cidade possui construções de casarões e igrejas que foram tombadas pelo Instituto de Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN), como a igreja de Nossa Senhora da Saúde e a igreja de Santo Antônio de Lisboa, ambas do século XIX.

Além disso, o povoado Entremontes, que pertence ao município é famoso por seus bordados, também possui construções de casarios e uma igreja que fazem parte do acervo cultural da cidade. A estação ferroviária também é incluída nesse acervo, e a visita de Dom Pedro II em 1859 contribuiu ainda mais para o destaque do município de Piranhas como importante centro cultural no cenário nacional. Conhecida pelo seu valor histórico, Piranhas é uma cidade que também é conhecida por suas belezas naturais, especialmente o Rio São Francisco, que apresenta paisagens espetaculares, águas calmas e é cercado por cânions e rochas.

³ IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo de Piranhas, AL**. Brasília, DF: IBGE, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/piranhas/panorama>. Acesso em 29 jun. 2023.

É interessante notar que a cidade também possui uma conexão com a história do cangaço, que eram liderados por Lampião e costumavam frequentar a região no passado. Após o “combate de Angico”, as cabeças de Lampião e de sua esposa, Maria Bonita, foram expostas em Piranhas, na escadaria da prefeitura após serem mortos em Poço Redondo, no estado de Sergipe.

Quanto ao artesanato em Alagoas ele é marcado por uma rica diversidade, uma vez que está visceralmente ligado à formação histórico-cultural de três povos que desempenharam um papel importante na construção da identidade cultural local. Os indígenas, como os primeiros habitantes precedentemente à chegada dos colonizadores, produziam artefatos em modelagem de barro e tecelagem de fibras vegetais. Os africanos, que foram trazidos para a região como escravos, trouxeram consigo uma abundância de costumes e tradições voltadas à cultura africana, contendo a gastronomia e a produção de material em barro. Já os europeus, em especial os portugueses, colaboraram para a cultura alagoana trazendo consigo seus modos de vida, arquitetura e a utilização de utensílios (CARVALHO, 2015 *apud* CAVALCANTE, 2022).

Na região do Baixo São Francisco⁴ contém uma abundância da cultura popular identificados com a região, “tais como aqueles ligados à música, à dança, ao folclore, à literatura, sobretudo de cordel, à religiosidade, aos mitos e crenças, à gastronomia, entre outros” (GRAMACHO et al, 2017, p. 117).

Dentro desse contexto, podemos destacar a cidade de Piranhas/AL, a qual é bastante rica em variedade artística. (SILVA, 2022) detalha perfeitamente as artes que são retratadas no município:

Piranhas é uma grande inspiração que se reinventa... a Arte na Lapinha está espalhada por todos os lugares, todos os cantos, todos os ares... Sobre Arte começaria pelos sons que se espalham pela concha acústica natural onde a cidade se implantou, edificada nas encostas das serras como constante plateia que reverência permanentemente o Rio chamado São Francisco. A musicalidade se espalha. Os ventos sopram, canalizados pelos paredões dos cânions, provocam verdadeiro moinho e redimoinhos de sons, muitas vezes já esperados pela população, de onde veem??? Arte são os ensaios da Banda Filarmônica Mestre Eliseo, são os acordes das sanfonas de Ivo, do Zé de Mendes, do Elsinho, são os sons do Pife de Damião do Cabrobó ou da Banda de Pífano da CASA, Pife do Piau, Pife de Lagoa Nova com flauta, zabumba, prato e pandeiro. Artes são o fazer da pintura que se engrandece nas paletas e pinceis do Paulo Ventura óleo sobre tela revelando o conjunto do casario colonial, na pintura da artista plástica Eliane Quirino, a Arte se revela no bordado de Entremontes são *boa noite, redendê, labirinto, ponto cheio e de cruz, bilros, croché...* ainda a Arte da rede de pesca, tarrafa, o covo do camarão pitu arte

⁴ Composto pelos municípios como Piranhas (AL), Canindé do São Francisco (SE), Delmiro Gouveia (AL), Propriá (SE), Porto Real do Colégio (AL), Pão de Açúcar (AL), Penedo (AL), Piaçabuçu (AL), Coruripe (AL), Ilha das Flores (SE), Neópolis (SE), Santana do São Francisco (SE) e Feliz Deserto (AL).

pura artesanal... a Arte do teatro dos autores, das atrizes romanceadas pelas Estrelas do Sertão, os folguedos da Arte Popular representados pelo Pastoril da CASA, pelo Reisado do Piauí, pelo Samba de Tebeí da Comunidade Quilombola de Lages, são Artes as danças do Xaxado e Quadrilhas juninas piranhenses... São Artes os blocos carnavalescos Os Trovadores, As Borboletas e Os Trovoletas... existe ainda a Arte do artesão Mestre Rubério que tem dedicado produção pros equipamentos náuticos e ferroviários, (embarcações sanfranciscanas – canoa de tolda, chata, grandes vapores (Tupygi, Floriano Peixoto, Tupan), canoas, lanchas e catamarãs), a ferrovia (locomotivas Marias Fumaça, Rotatória e vagões), carrancas, entre outras peças e inspirações. (SILVA, 2022).

É importante destacarmos o artesanato local, em especial o trabalho do mestre Rubério, que representa a história e a identidade da região. De acordo com (DINIZ, 2007) a riqueza cultural se desponta em diversas manifestações, algumas delas inovadoras, por serem únicas e não estarem presentes em outras regiões do país. Sendo assim, o artesanato de Mestre Rubério leva em suas peças detalhes e aspectos da região do Baixo São Francisco ao fazer as embarcações, por exemplo. Mestre Rubério fala que as embarcações lembram o dia da feira, a qual acontecia às quartas-feiras, lembra das pessoas chegando e dos barcos que começavam a chegar nas segundas,

[...] eu lembro o seguinte, eu lembro, que eu gostava muito de que dia de terça-feira ia ali pra o cais, pra beira do rio, pra ver chegar os barcos tudo, o pessoal chegando de viagem, chegava também na terça-feira o Comendador Peixoto entendeu, e eu, eu me lembrava muito que, que tinha na terça-feira e na quarta, e que na quarta-feira era feira daqui e a gente tinha que tá. (FONTES, 2022).

E destaca que “[...] começavam a chegar na segunda e na terça, aí viajavam, voltavam só na, na quarta-feira depois de meio dia começavam a descer iam pra Pão de açúcar, Penedo, Propriá, Piaçabuçu [*palavra inaudível*] vinham buscar mercadoria” (FONTES, 2022). Tudo isso referente às embarcações que vinham de outras cidades para a feira em Piranhas/AL. Os artesanatos do mestre Rubério, contém um papel importantíssimo para preservar a história que foi passada de geração em geração, e das tradições da região.

Meihy (1994), nos diz que seria simplista defender que a Memória é “um lugar”, o armazém onde são deixadas as lembranças, segundo o autor, a memória é mais do que isto e relação entre memória e visão de mundo leva os sujeitos a esboçarem mais que lembranças quando narram. Então, para além de suas lembranças, Mestre Rubério fez em suas escalas reduzidas de madeira a história da região, uma história que faz lembrar também de seu pai o qual o mestre não tem sequer uma fotografia, então seu trabalho o ajuda a recordar.

Para Dias (2003), o artesanato para as partes populares se fundamenta nos saberes vividos e disseminados de geração para geração e que tradições familiares são extremamente influentes no processo criativo, onde pertencer a uma família de artistas ou crescer em um

ambiente artesanal, muitas vezes, não é apenas um meio de “dar continuidade às categorias”, mas uma conexão de laços afetivos, memórias, trocas simbólicas, solidariedade e dádivas necessárias para administrar a obra diária de cada artesão.

Moreira (2019) ressalta que “Seu pai era torneiro mecânico e serralheiro da Rede Ferroviária, daí, se explica em parte o ofício repassado pelo pai para Rubério pelos detalhes vistos, caprichosamente construídos e impressionantemente precisos nas escalas adotadas em suas peças”. Em Poulet (1992), vemos que graças à memória, o tempo não está perdido, e se não está perdido, também o espaço não está. Ao lado do tempo reencontrado está o espaço reencontrado ou para ser mais preciso, está um espaço, enfim reencontrado, um espaço que se encontra e se descobre em razão do movimento desencadeado pela lembrança.

Para Bobbio (1997), o relembrar é uma atividade mental que não exercitamos com frequência porque é desgastante ou embaraçosa. Mas é uma atividade salutar. Na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade, não obstante muitos anos transcorridos, os mil fatos vividos. Se o futuro se abre para a imaginação, mas não nos pertence mais, o mundo passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos, debruçarmos sobre nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade.

Seguindo esse raciocínio, conforme Von Simson (2000) argumenta, que a memória é a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes suportes empíricos (voz, música, imagem, textos etc.). Então seguindo esse pensamento, pode-se dizer que os artesanatos do Mestre Rubério é um tipo de suporte empírico, para retransmitir as novas gerações os acontecimentos e experiências do passado. E seguindo a linha de pensamento de Von Simson (2000) existe uma memória individual que é aquela guardada por um indivíduo e se refere às suas próprias vivências e experiências, mas que contém também aspectos da memória do grupo social onde ele se criou, isto é, no qual esse indivíduo foi socializado. Assim, o artesanato feito pelo Mestre Rubério tem a capacidade e potencialidade de salvaguardar a memória não só da história da região, com as embarcações e a Maria Fumaça, mas de conservar também as lembranças que o artesão tem de seus dias de jovem e do seu pai.

Já Bergson (1999) argumenta, que a memória tem uma função unificada entre o eu profundo e o eu atuante, ou seja, subdividida em memória habitual e memória pura. A memória é viva, presente, completa, virtual e atualizada em função da ação durante a vida ativa. E ainda,

A memória, em sua extensa potencialidade, ultrapassa, inclusive, o tempo de vida

individual. Através de histórias de famílias, das crônicas que registraram o cotidiano, das tradições, das histórias contadas através de gerações e das inúmeras formas de narrativas, constrói-se a memória de um tempo que antecedeu ao da vida de uma pessoa. Ultrapassa-se a cronologia atual e o homem mergulha no seu passado ancestral. Nessa dinâmica, memórias individuais e memórias coletivas encontram-se, fundem-se e constituem-se como possíveis fontes para a produção do conhecimento histórico. (DELGADO, 2003, p. 19).

Nesse sentido, as memórias de mestre Rubério trazem ricas contribuições para a manutenção da cultura piranhense por meio do artesanato que surge de suas mãos. (SILVA, 2022), em entrevista concedida, exemplifica bem o que a arte de Mestre Rubério significa para muitos habitantes da cidade, e quando questionado sobre as memórias que o artesanato do mestre lhe trazia relatou:

No meu caso, conheço bem o Baixo São Francisco, e sei bem a importância do Mestre na captação da materialização das peças como memória. Recordações das minhas andanças, dos encontros com pescadores e barqueiros, expedições científicas registradas... não tem como você andar numa Lancha, Canoa de Tolda, ou Chata ou até mesmo numa Maria Fumaça (em qualquer lugar do mundo) que não se lembre do Mestre. (SILVA, 2022).

Sobre a questão de a arte permanecer e se perpetuar pelas mãos do artesão, (SILVA, 2022) também explica que vê na arte de Rubério um papel fundamental na manutenção da arte e História do município, em suas palavras “Evidentemente que a Arte do Mestre Rubério tem papel fundamental na questão das permanências e conservação desses bens patrimoniais da cultura sanfranciscana. Há que se cuidar desses valores patrimoniais da forma mais eficaz aqui em Piranhas (...)” (SILVA, 2022).

Junto a essas considerações feitas na colaboração de (SILVA, 2022), outro participante entrevistado corrobora com estas mesmas observações, (NASCIMENTO, 2022), evidencia qual a importância do artesanato confeccionado por mestre Rubério “A preservação da história e da memória naval e ferroviária do Baixo Rio São Francisco”.

3 AS MINIATURAS EM MADEIRA

Adentrando no mundo das miniaturas do mestre Rubério, um ofício que começou como um passatempo, mais que já são quase 40 anos que esculpir as madeiras no Baixo São Francisco se tornou parte de sua vida. Vamos abaixo conhecer um pouco mais sobre suas obras, elas foram idealizadas através de fotos ou contato visual. Faz parte de suas confecções como mostra a fotografia 2 “canoa de tolda, lancha de passageiros, bote e os vapores Tupigy, Tupan, Tupy, comendador Peixoto tendo feito a primeira locomotiva em 2000” (MOREIRA, 2019). Além da locomotiva, faz vagões, pontes e giradouro, e mais alguns modelos, como a

canoa chata, canoa de pesca, e as suas marcantes carrancas.

Fotografia 2: Algumas de suas peças em seu ateliê.



Fonte: Arquivo Pessoal Felipe Nascimento, 2021.

Para Silva (2022):

O Mestre Rubério atualmente é a maior referência do artesanato náutico e ferroviário do Baixo São Francisco. Pela singularidade de sua produção, esculturas, miniaturas extremamente bem elaboradas, fiéis a escala e cromaticidade, madeira e entalhes com peças minuciosamente entalhadas... é de tirar o fôlego!!! Sua Arte tem discurso e concepção bem embasadas por isso mesmo vai muito além daquela produção “do objeto” artesanal produzido visando só e somente só o lucro. O grande diferencial da sua produção artesanal de miniaturas revelados nas embarcações e locomotivas, o Mestre é também um depositário de memória que se mistura com a própria história recente da cidade de Piranhas e da Região. (SILVA, 2022).

Silva (2022) ainda descreve que as peças do mestre como sendo de um “Resultado de: Esmero. Detalhe. Técnica. Precisão. Domínio. Sentimento. Responsabilidade. Memória. Identidade. História... Arte!”. No que se refere ao tamanho de suas peças, essas são variadas, e a medida é feita no olho “porque é o seguinte, eu não faço num tamanho específico porque, porque, às vezes a pessoa quer uma maior, quer uma menor sabe, entendeu? Eu a faço desse tamanhinho [ele nesse momento mostra com as mãos o tamanho da menor canoa que ele anda fazendo]” (FONTES, 2022). Além desse fato, o tamanho do seu artesanato se dá devido ao tamanho da madeira disponível, o tamanho deste material que dirá o que será feito e qual será seu tamanho.

Quanto às cores de suas obras, elas são sempre bem coloridas, peças do mesmo

modelo podem ter cores pintadas diferentes, isso acontece porque “se eu pintar uma, tem que ser elas em várias cores, às vezes o cara quer de uma cor, outro que outra né, gosta de outra cor, aí eu não posso ficar pintando de uma cor só” (FONTES, 2022). Segundo o mestre ainda, as embarcações como a canoas eram pintadas pelas cores que o dono desejasse, dessa forma não existe um padrão para as cores, elas serão sempre coloridas e variadas.

Já a madeira utilizada em suas miniaturas sempre é de cedro e imburana, segundo o artesão essas são as melhores madeiras para a confecção, “mulungu eu não gosto de trabalhar porque ele bixa” Fontes (2022). As madeiras de cedro são usadas nas embarcações, no trem ele usa a madeira do Pará, nas carrancas são com madeira de imburana. A seguir veremos alguns dos modelos feitos pelo artesão.

A Maria Fumaça retratada na fotografia 3 que o Mestre Rubério faz, é uma réplica da locomotiva que andava nos trilhos construídos entre 1878 a 1883, a Estrada de Ferro Paulo Afonso, vale lembrar que além da locomotiva, o artesão faz vagões, pontes e giradouro. Segundo Oliveira (2003) a construção dessa ferrovia partiu de uma iniciativa do governo imperial, que, alguns anos anteriormente, havia decidido uma realização de estudos para a fundação de estradas de ferro nos vales dos rios São Francisco e Tocantins.

Fotografia 3: Maria Fumaça em escala reduzida.



Fonte: Arquivo Pessoal Felipe Nascimento, 2021.

A construção da Estrada de Ferro Paulo Afonso tinha o propósito de unir o baixo e alto São Francisco e de socorrer os flagelados da seca de 1877 (CORREIA, 2015). E essa linha ferroviária ainda facilitaria as trocas comerciais entre as regiões, prática que se tornava

cada vez mais evidente nas cidades. E que além do objetivo comercial, a ferrovia também passaria por um trecho do Rio São Francisco que não era propício à navegação por conta de inúmeros acidentes geográficos de acordo com (SILVA, 2003).

Como o pai do Mestre Rubério já havia trabalhado na ferrovia, uma das peças que o artesão faz em escala reduzida é a Maria Fumaça e como ela foi desativada em 1964, Rubério disse que a fez a partir de fotos. Para a construção de uma Maria Fumaça o artesão disse que se trabalhar nela somente, dentro de 15 a 20 dias deixa a peça pronta, para a elaboração dessa Maria Fumaça, o mestre utiliza ferro e madeira do Pará, madeira de caibo ou linha. No mesmo tempo que foi ativada a Estrada de Ferro Paulo Afonso, é válido saber-se que se iniciava as navegações a vapor, porém as navegações estão presentes nessa região muito antes.

Segundo Duarte e Macedo (2014) o rio São Francisco é reconhecido como um meio de comunicação propício ao progresso civilizatório. Ao longo de sua trajetória, esse rio desempenhou um papel essencial no avanço geográfico, econômico, social e humano das localidades construídas em sua bacia hidrográfica. Além disso, o rio São Francisco foi o primeiro meio de comunicação entre os primeiros povos que moraram nas comunidades ribeirinhas ao longo de seu curso.

A navegação ao longo do rio São Francisco desempenhou um papel fundamental na história das cidades ribeirinhas, sendo essencial para a formação dos povos nessas localidades e contribuindo para as identidades que os representam e os diferenciam. (Duarte e Macedo, 2014). No site da Canoa de Tolda⁵, informa que foi nessa região também que ocorreram algumas das primeiras explorações do continente, descoberto pelos portugueses em 1500. Penedo foi o local onde os holandeses estabeleceram uma fortaleza, na tentativa de dominar o território que haviam conquistado a partir de Recife, e evitar a chegada de reforços portugueses vindo da Bahia, capital da colônia.

Das embarcações que navegavam no Baixo São Francisco algumas o mestre faz suas réplicas. Segundo Nascimento (2022) “Suas embarcações reproduzem a memória de um passado glorioso das carreiras do Baixo Rio São Francisco, as famosas Tupan, Tupy, Tupigy, Comendador Peixoto, Canoa Chata, Canoa de Tolda e dos tipos mais recentes, como os catamarãs” são representadas nas miniaturas do artesão, vale ainda ressaltar que 90% dos artesanatos do mestre são de embarcações.

Uma das embarcações feita pelo artesão é a do vapor Comendador Peixoto como

⁵ CANOA DE TOLDA. **O Baixo São Francisco**: Uma breve introdução ao Baixo São Francisco. Sergipe, [s.d.]. Disponível em: <https://canoadetolda.org.br/o-baixo-sao-francisco/>. Acesso em: 7 jun. 2023.

mostra a fotografia 4, a madeira usada para sua feitura é a de cedro, podemos ver a riqueza de detalhes em sua peça.

Fotografia 4: Miniatura da embarcação Comendador Peixoto.



Fonte: Arquivo Pessoal Felipe Nascimento, 2022.

No início do século XX, chega ao Baixo São Francisco a embarcação que seria a referência para a navegação de longo curso entre Penedo e a sertaneja Piranhas, cerca de 190 km a montante: o vapor Comendador Peixoto, adquirido pela Navegação Fluvial do Baixo São Francisco (empresa pertencente ao aglomerado Peixoto Gonçalves, de Penedo) da empresa Mello & Cia, de Belém, PA (EDUARDO, 2019). Logo em seguida a mesma empresa recebe o Penedinho, de porte menor, que também estaria engajado na mesma rota.

Além das canoas chatas, canoa de pescaria, lancha de passageiros, bote e os vapores Tupigy, Tupan, Tupy, comendador Peixoto, os catamarãs, uma embarcação que o Mestre Rubério passou a fazer em suas miniaturas de madeiras, foi a Canoa de Tolda como podemos ver na fotografia 5 abaixo, um exemplar sendo esculpido pelo mestre, uma grande Canoa. De acordo com Eduardo (2019), com os primeiros contatos entre populações locais e gente de além-mar, deu-se início à formação de um conjunto de tradições culturais e conhecimentos tecnológicos específicos do Baixo, que culminou, nos anos 1940 atingindo parte dos 1960, com o apogeu das grandes canoas de tolda.

Fotografia 5: Mestre Rubério esculpindo uma Canoa de Tolda.



Fonte: Arquivo Pessoal Felipe Nascimento, 2023.

As canoas de toldas foram essenciais na movimentação do Baixo São Francisco, na região existe somente duas canoas de toldas, uma que se encontra nas margens da orla de Piranhas e a Luzitânia, que em 1999, a Sociedade Canoa de Tolda adquiriu a embarcação, que passou por um processo de restauração durante aproximadamente dez anos, até ser devolvida às águas do Rio São Francisco em fevereiro de 2007. Em 2010, a canoa foi oficialmente tombada pelo IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, um processo que levou dez anos para ser concluído⁶.

A canoa chata foi outra embarcação incluída no acervo do artesão, sendo ela a primeira peça feita pelo Mestre, a qual presenteou seu pai. Tanto a ferrovia como as navegações foram importantes na região do Baixo, não só no crescimento do capitalismo, como também nas mudanças políticas, e muito na organização social. Cidades pequenas se tornaram importantes centros de comércio, como Piranhas que aumentou seu fluxo econômico, devido a ser um local que tinha um porto que dava acesso de mercadorias de outras localidades, e colaborando para sua independência passando de vila a cidade, como Barbosa evidência “Piranhas foi aumentando o seu fluxo econômico, graças à facilidade que tanto a ferrovia quanto à navegação a Vapor proporcionavam a época. Esse crescimento é refletido na estrutura, e principalmente, na independência da região, que, em poucos anos

⁶ CANOA DE TOLDA. **Canoas de Tolda**. Sergipe, [s.d]. Disponível em: <https://canoadetolda.org.br/o-baixo-sao-francisco/patrimonio-naval/vela-e-remo/canoa-de-tolda/>. Acesso em: 7 jun. 2022.

eleva seu status de Vila à Cidade” (BARBOZA, 2017, p. 25).

O artesanato de Mestre Rubério leva em suas miniaturas, a história dessa região, o seu artesanato é capaz, dessa forma, de trazer e fazer as pessoas contarem acontecimentos dessa época. Além das embarcações o artesão também inseriu em suas peças Carrancas como podemos ver alguns de seus modelos produzidos na fotografia 6 abaixo, sendo essas feitas com madeira de imburana.

Fotografia 6: Alguns dos modelos de Carrancas do Mestre.



Fonte: Arquivo pessoal Felipe Nascimento, 2020.

Nos dicionários de língua portuguesa vemos a definição de Carranca como sendo semblante sombrio, sendo uma figura de madeira em geral disforme, e que enfeita a proa de certas embarcações. A entrada das Carrancas no meio do acervo do artesão deu-se devido a esse fato, das embarcações anteriormente terem carrancas em sua frente. Silva Júnior (2013) evidencia que as Carrancas foram criadas na virada do século XIX para o começo do XX, “as atuais carrancas pedestais em muito diferem das antigas carrancas que ornamentavam as embarcações populares daquele período” (SILVA JÚNIOR, 2013, p.214). Fontes (2022) nos diz que as carrancas que ficavam a frente das antigas embarcações eram feitas para espantar os maus, porque os habitantes falavam que no rio São Francisco tinha um Nego d'água e um lobisomem, e que muita gente tinha medo de viajar a noite no rio São Francisco.

Seguindo nesse contexto, Silva Júnior (2013) ressalta que a carranca fluvial nas

narrativas poderia ainda afugentar animais como jacarés e grandes peixes, assim como intimidar os seres assombrosos que povoavam o rio e o imaginário dos ribeirinhos. E que:

Dentre estes seres temos a lenda do Caboclo D'água (hoje chamado de Nego D'água), o Minhocão, a Mãe D'água e o Cavalo D'água, que eram afugentados pelos poderes atribuídos às feições das carrancas fluviais. Além disso, a elas também era atribuído o poder de gerar estalos que alertariam sobre o risco de naufrágios diante de pedras submersas, cachoeiras e redemoinhos. (SILVA JÚNIOR, 2013, p. 214).

Em Giudice (2019) vemos que a forte propensão à submissão e à crença no poder sobrenatural das carrancas pode ser atribuída à mentalidade primitiva e ingênua dos habitantes da época, que eram extremamente supersticiosos e acreditavam em diversas lendas. E que nas características das carrancas eram predominantes o fato de todas elas “apresentarem fisionomias de animais, cabeças de humanos e vice-versa. E o traço mais marcante dessas figuras são as vastas cabeleiras e os olhos de humanos que elas possuem” (GIUDICE, 2019, p.13).

Na Carranca do artesão ele as faz sempre dando língua, o mestre revelou que essa forma se dá pela forma do cortar da madeira, que não dá para camuflar, assim, elas já ficam no modelo dando língua. No que se refere a cor predominante nos modelos de Carrancas Vampiras Silva Júnior (2013) diz que a caracterização pelas cores preta, vermelha e branca, essa composição cromática foi tão bem-aceita pelo público, que os artesãos focaram em suas produções quase que exclusivamente nessas cores.

A cor tricolor também é bem aceita nas carrancas do mestre Rubério, e seus modelos são bem assustadores, seu estilo único marca muito suas obras. O declínio do ciclo das barcas no Brasil, em 1940 segundo Giudice (2019), fez com que essas esculturas artesanais deixassem de ser figuras de proa “(termo mais aplicado às primitivas carrancas fluviais eram “leão de barca” ou “cara de pau”), ou ainda, “cabeça de proa”(SILVA JÚNIOR, 2013, p. 214) com o tempo, as carrancas tornaram-se objetos de arte popular amplamente apreciados e encontrados em museus, exposições, feiras de artesanato e coleções diversas, apesar, de ainda nos dias atuais, pessoas comprarem a Carranca, como sendo um objeto de proteção para seus lares, suas lojas, comércios.

As miniaturas também são descritas por Nascimento (2022) como:

Suas embarcações são confeccionadas em sua maioria de cedro, madeira rara e nobre por aqui, num processo totalmente artesanal e com algumas ferramentas criadas ou adaptadas por ele. Rememoram embarcações reais que navegaram somente aqui, no Baixo Rio São Francisco entre Piranhas e Penedo. Seus detalhas são buscados na memória e em algumas poucas fotos que sobreviveram ao tempo. Sua escala é o próprio olho e a experiência. A ferrovia também é um elemento que

aparece em sua arte, seja na locomotiva, nos vagões, pontes e rotunda. Seu pai era funcionário na então Rede Ferroviária do Nordeste e Rubério ainda menino acompanhou muitos dos processos de criação do seu pai como serralheiro e operador do torno mecânico da oficina das locomotivas. Herdou a precisão e o detalhe que hoje se manifesta em sua obra. As carrancas é um outro elemento de seu portfólio de obras, sua cunha e diferenciada, arrisco a dizer até mais assustadora que as tradicionais, o preto e o vermelho predominam nas cores, possuem um estilo único. (NASCIMENTO, 2022).

O texto acima traduz com riqueza de detalhes os sentimentos que as miniaturas proporcionam para quem tem contato com elas. Com estas observações também podemos apreender o tipo de impacto que essa arte tem nas pessoas até os dias atuais na cidade de Piranhas.

4 MESTRE RUBÉRIO: HISTÓRIA E MEMÓRIA

O estudo visa ainda apresentar um pouco da história do artesão Rubério de Oliveira Fontes ou melhor Mestre Rubério como é conhecido na cidade, ele é uma pessoa comum, mas que possui um talento incrível. Filho de Pedro Fontes de Oliveira e Dalva Fontes, o artesão Rubério de Oliveira Fontes, nasceu em 1941, na cidade de Piranhas-AL. O pai do artesão, Pedro Fontes, trabalhou como torneiro mecânico e serralheiro da Estrada de Ferro Paulo Afonso, e dos seis filhos que teve com a senhora Dalva Fontes, somente Rubério se tornaria um artesão.

Quando criança, em Piranhas o Mestre lembra-se que brincava de bola e diz “Brincava de bola, ali naquele campo, toda vida teve àquele campo ali de futebol, ali onde hoje é o campo gramado, não era gramado na época, a gente quando era menino novo não tinha o que fazer, o que tinha de fazer era ir para o campo jogar bola” (FONTES, 2023). O artesão lembra-se também de brincar com barcos no rio, que um homem chamado Miguel Pinto fazia para que as crianças brincassem na beira do rio pegando corrida e fala “ali em Piranhas de baixo ele fazia, só que ele fazia esses pequenos aqui não, ele fazia assim grandão, pra a gente brincar na beira do rio ai, só que aí pegava pareia” e ainda diz que era “uma fila de 15 a 20 barquinhos, era muita gente ali naquele tempo que gostava dessa brincadeira né, hoje não, hoje ninguém sabe nem o que isso não” (FONTES, 2023).

Rubério foi crescendo, ainda menino seu pai chegou a mandá-lo para estudar em Pão de açúcar e na cidade de Delmiro Gouveia em casa de tios, mais segundo ele acostumado com a folia de Piranhas, dizia “sabe de uma coisa, vou cair fora” e retornava para Piranhas e relata ainda que “só que quando eu cheguei aqui, entendeu, tinha festa, ai eu pedia pra mãe, oh mãe, pra minha mãe pedir um trocadinho ao meu pai pra eu não ir liso né, dinheiro pra ir

pra a festa” (FONTES, 2023). Com esse retorno a cidade de Piranhas, é daí que Rubério começa a trabalhar, com seus 11 a 12 anos seu primeiro emprego é de ajudante de padeiro, além de ajudar ele também vendia pães da mesma padaria.

Só que depois na cidade surge a estrada Sudene, segundo ele a “Estrada Sudene, era do estado, fazendo, quer dizer ajeitando as estradas né, a estrada cheia de buraco, a estrada de chão, aí a gente tinha que andar com uma carroça, com pá, era muita gente sabe, era um caminhão cheio de gente pra lá, e eu fui até o riacho da ribeira” (FONTES, 2023). Depois de trabalhar como ajudante de padeiro, vender pão e trabalhar na estrada Sudene, Rubério ainda de menor de idade, passa a trabalhar de ajudante na oficina do Sr. Elias, Rubério evidencia que é nessa oficina seu primeiro contato com madeira e fala:

trabalhei com ele também de ajudante de marceneiro, foi quando eu peguei uma noçãozinha de negócio de madeira, porque eu fazia quando pegava pedaço de madeira velha, eu fazia uns carrinhos e vendendo e botando o dinheiro no bolso, entendeu, naquela época era jipe, era rural, tinha aquela picape, e aquela caminhonete [palavra inaudível] aí eu fazia, já tinha esse treinozinho foi quando eu fui pra Chesf (FONTES, 2023).

Aos 18 anos, em 1959, vai trabalhar na Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF) em Paulo Afonso/BA, nesse mesmo ano, Rubério casou-se com Maria Odete da Silva Fontes. Trabalhou durante 25 anos na Chesf em várias modalidades, onde uma delas foi de ajudante de carpinteiro onde fazia “caixões de defunto” e sendo depois classificado como carpinteiro na empresa, trabalhou em empreiteiras da Chesf tanto em Paulo Afonso como em Piranhas. Ao ir trabalhar em Paulo Afonso/BA no mesmo ano que se casou, Rubério relata que sua esposa ficou em Piranhas:

ela ficou aqui em Piranhas na casa do pai dela, por que é o seguinte, porque quando eu fui trabalhar no emprego, eu não tinha casa, não tinha nada, tinha que arrumar uma casa, arrumar as coisas, por que não tinha nada na vida entendeu? Até o terno foi o meu pai que mandou fazer, mandou um alfaiate fazer o terno aí, pra eu poder me casar..., mas ela ficou aqui, toda semana eu vinha, porque era perto, vinha na sexta por aqui e voltava na segunda, aí toda semana eu vinha. (FONTES, 2022).

Assim foi sua vida durante os 25 anos que trabalhou na Chesf em Paulo Afonso, trabalhava durante a semana e retornava a Piranhas nos finais de semana, com sua esposa Maria Odete o artesão tem seis filhos. Em sua volta a Piranhas, por volta de 1984, teve bar, mercado, restaurante e cinema. De acordo com Fontes (2023), no mesmo tempo que tinha o bar em Piranhas, trabalhava em uma empreiteira da Chesf de Xingó, depois de um acidente nessa empreiteira a qual trabalhava como operador de máquina pesada fica com medo,

mesmo sendo transferido para a função de manobreiro para continuar trabalhando na empresa, vire e mexe quando faltava operador pediam para ele quebrar um galho e substituir, ai depois de muito trabalhar na empresa, decidi não trabalhar para mais ninguém, e seguir com seu próprio negócio. Sua vida como artesão começa quando ele tem um mercado na cidade de Piranhas, seu primeiro barco é feito para presentear seu pai, mas ele continuou a fazer “eu fazia umas pecinhas, o cara pedia pra, pra dar de presente, Rubério faça um barquinho desses pra mim, e eu ia e fazia, não, não cobrava nada entendeu, porque era uma besteirinha” (FONTES, 2022).

Quando o artesão fazia seus barcos no mercado, fala que Álvaro sempre passava na frente e ficava observando-o e relata:

foi quando ele me viu fazendo, foi até um catamarã desse, o catamarã, aí ele ficou olhando, olhando, olhando, eu fazendo os trabalhos lá, foi quando ele, Rubério rapaz você tem que, com é, você tem que ficar conhecido viu, aí eu disse, Álvaro eu faço aqui é porque pra não está parado né, o movimento do mercado era fraco demais. (FONTES, 2023).

Álvaro então é a primeira pessoa que vê a importância do artesão para a cidade e região, e começa a idealizar projetos para o mestre. Sua história com o artesanato começa interessante, ao ser desafiado em um bar que não conseguiria fazer um barco igual ao de um homem que passava vendendo, recebe o desafio, desafiado constrói sua primeira canoa, a canoa chata. O artesanato entra na vida do artesão como um simples passatempo, de início, pois segundo o artesão o movimento do seu mercado ia fraco, aí uma vez ou outra, algum conhecido pedia para que ele fizesse um barquinho, e assim ele atendida o pedido e fazia, até que cada vez mais foi se aperfeiçoando, e passa a trabalhar somente com o artesanato.

Em suas palavras o mestre Rubério relata como foi que se deu a iniciativa de fazer sua primeira canoa:

o rapaz chegou lá no bar com um barquinho, aí eu vi, e lá tinha uma turma bebendo aí eu disse rapaz, quando ele saiu, rapaz se eu ver ele começar eu faço um barquinho desses, teve pessoas que ficou lá duvidando, faz nada, faz nada, sei o que, faço, eu faço, aí eu um dia peguei um pedacinho de umburana, arrumei um pedacinho de umburana e fiz um barcozinho, até uma chatinha, fiz pra meu pai dei um presente pra meu pai que ficou muito satisfeito (FONTES, 2022).

Depois da canoa chata que presenteou seu pai, o artesão não parou mais com as produções. E evidencia que “Eu iniciei, não pensava nem, nem em ganhar dinheiro porque o serviço era devagar, porque eu tinha outros trabalho entendeu, então eu só, quando tirava uma horinha eu fazia as coisas pra passar tempo entendeu, não foi tanto pra ganhar dinheiro mais pra passar tempo” (FONTES, 2022).

Fotografia 7: Mestre Rubério em frente ao seu ateliê.



Fonte: Arquivo Pessoal Felipe Nascimento, 2022.

O mestre passou anos mudando sua oficina, anteriormente era ao lado de sua casa, atualmente está num espaço cedido pela Prefeitura de Piranhas desde final de 2020, com duração de 10 anos, o local é mostrado na fotografia 7 acima que fica no centro histórico de Piranhas, seu ateliê é próximo a torre do relógio que pertencia a ferrovia e a sua casa. O artesanato transformou-se em seu ofício, talentoso e atencioso, atende e conversar com todos que chegam em sua oficina, onde é possível vê-lo esculpir suas obras e comprar, suas peças batem diversos estados do Brasil, turistas que visitam Piranhas e conhecem seu ateliê sempre levam uma de suas peças, e tendo peça sua inclusive no exterior, e o próprio conta:

já tem peça minha até no exterior né, já tem pra lá que Álvaro deu de presente, entendeu, e no Brasil tem vários cantos que tem, o pessoal já chegou aqui e disse seu Rubério rapaz em tal canto, o, o senhor é muito conhecido, e tal, como no Rio Grande do Sul, e não sei aonde e tal, e muita gente que, tem gente que chegou aqui e disse, no Rio de Janeiro eu já vi uma peça dessa aqui, tem um barco desse aqui, que é a canoa dessa de tolda (FONTES, 2022).

Além de relatar que suas peças têm em vários estados, e peça no exterior mestre Rubério ainda ressalta que é também graças ao artesanato que ele ainda está aqui, pois talvez se não fosse isso, já não estaria aqui devido sua idade, em suas palavras:

Minha vida é graças a Deus boa demais né[risos] por porque eu, eu, eu tenho meus trabalhos, não tenho preguiça e, e que pela minha idade eu dou graças a Deus, ainda, ainda ter isso aqui, porque, porque, ele, ele como é que se diz, eu, eu ainda tô com a minha saúde, e, e dependendo disso aqui, porque se não fosse isso aqui,

talvez eu já tivesse ido, entendeu, já tivesse viajado, mais graças a Deus, ainda to, com, tô aqui batendo com os olhos aqui, aqui balançado oh as duas pernas, e com fé em Deus ainda vou longe (FONTES, 2022).

Apesar da importância do seu artesanato, Mestre Rubério vem tendo um reconhecimento tardio. Somente em 2019, o poder público municipal, através da Câmara Municipal de Piranhas, o homenageou formalmente com uma Moção de Aplausos e Congratulações, no texto o vereador Renato D. Rodrigues justifica sua iniciativa:

em reconhecimento dos seus relevantes serviços prestados ao desenvolvimento cultural e social desta cidade, se destacando pela confecção de esculturas que relembram a história da cidade de Piranhas, como exemplo, a Maria Fumaça, as Canoas de Toldas, o Navio, e tantos outros, que são confeccionados. (PIRANHAS, 2019, s/p.).

Ainda no mesmo ano, o artesão recebeu o prêmio *Destaques em 2019*, como artesão destaque da câmara, e foi à Maceió representando a feira do município. No ano seguinte, 2020 ganhou uma exposição para o grande público, no Projeto *Exposição Fotográfica e de objetos Mestre Rubério: um artesão de Piranhas*, que aconteceu em janeiro de 2020, idealizada por Álvaro Moreira e realizada com o apoio da Prefeitura do Município de Piranhas. Apresentou-se tal ação como uma iniciativa que traduz a preocupação de valorização e conservação dos bens culturais materiais e imateriais, “tendo como protagonista o Mestre Rubério [...] que leva e eleva o nome da cidade de Piranhas para os quatro cantos do mundo com sua arte. É um verdadeiro patrimônio vivo da cultura piranhense” (MOREIRA, 2019, p. 04).

Durante a exposição feita para o mestre Rubério, também foi lançado um selo postal personalizado como podemos ver na fotografia 8 abaixo, uma homenagem feita pela Prefeitura de Piranhas na gestão da ex-prefeita Maristela Sena Dias.

Fotografia 8: Rubério segurando sua folha de selo postal personalizado.



Fonte: Arquivo Pessoal Felipe Nascimento, 2020.

Diante do já visto, viu-se necessário essa pesquisa referente a história de vida e obra do mestre Rubério, o qual merece todo reconhecimento não só da cidade que reside, mas da região, pois os seus artesanatos carregam não somente a história de uma única cidade, mais da região do Baixo São Francisco, pois as navegações não foram somente em Piranhas. Junto às navegações, outra representação em sua arte é do período da Estrada de Ferro Paulo Afonso, que foi uma ferrovia de extensão de 116 km que foi ativa entre 1883-1964 e que conectava as cidades de Piranhas-AL à Jatobá-PE (Petrolândia submersa) em seus pontos extremos. Essa história é contada em sua arte em forma de trens, vagões, pontes e giradouro.

Mestre Rubério traz em sua memória lembranças de um passado que seu artesanato faz lembrar. Burke (2000) nos diz que a memória serve para relatar e descrever as eventualidades de uma sociedade e tendo em consideração que a identidade de uma população é formada por meio do que continua vivo na memória dos seus componentes, ela faz-se fundamental na criação da história local, em que tanto a memória quanto a história são resultados de grupos sociais. E quanto à memória individual, os sujeitos lembram apenas o que desejam conservar em suas vidas.

Ainda no aconchego do seu ateliê, local que foi realizada as entrevistas, Mestre Rubério deixa registrado sua vontade de passar seus conhecimentos, mas revela falta de interesse das pessoas em aprender e falta de apoio, e diz "Sim, tenho, muita vontade de repassar o que eu sei para outras pessoas, só que é o seguinte, não tem o incentivo, ninguém

aqui, chega aqui pra dizer assim Rubério o que precisa, e o que não precisa.” (FONTES, 2022). E fala que se tivesse de 3 para 4 alunos ele ensinaria com maior prazer, mas precisa que alguém forneça material, apoio e que as pessoas tenham o principal que é o interesse. Lamentável a falta de um olhar para a importância do trabalho de Mestre Rubério, pois “Mestre Rubério é último remanescente vivo da arte naval miniaturalizada em madeira do baixo Rio São Francisco” (NASCIMENTO, 2022). Silva (2022) ressalta que:

Há que se cuidar desses valores patrimoniais da forma mais eficaz aqui em Piranhas e, uma das maneiras seria a Secretaria de Cultura conjuntamente com a Secretaria de Educação Municipal abrir espaço para visitas, do alunato, ao Atelier do Mestre Rubério, entrevistando-o, fotografando-o, produzindo vídeos ou mesmo nas escolas realizando exposições de objetos, convidá-lo para palestras, conversas etc, mas, importante mesmo seria o repasse do conhecimento por meio da promoção de oficinas e/ou cursos para jovens que se interessem, se identifiquem com a Arte do Mestre Rubério. (SILVA, 2022).

Seguindo essa visão, o presente texto espera ter evidenciado a importância dos artesanatos do mestre Rubério, para a história cultural do Baixo São Francisco, em especial o município de Piranhas, e o quanto suas produções são essenciais para manter viva na memória das pessoas a história da Ferrovia Estrada de Ferro Paulo Afonso, e as Embarcações que navegavam no Rio São Francisco.

Fotografia 9: Rubério posa com a pelerine da APLA.



Fonte: Arquivo Felipe Nascimento, 2022.

Cabe ainda aqui informar que no dia 22/10/2022 o mestre Rubério foi diplomado como novo membro da Academia Piranhense de Letras e Artes (APLA), como mostra a fotografia 9 acima, na primeira entrevista o artesão não compunha os quadros da APLA, mas foi somente na abertura de novas inscrições da academia que o mestre resolveu fazer parte.

Devido a importância de sua arte a academia o aceitou em seu quadro, ocupando assim a cadeira de número 40, tendo como patrona Maria das Dores de Oliveira.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artesanato da cidade de Piranhas/AL, materializado nas mãos habilidosas e marcadas pelo tempo, do Mestre Rubério de Oliveira Fontes, nos mostra a grande importância da preservação do patrimônio cultural sertanejo do Baixo São Francisco. Esta pesquisa possibilitou o aprofundamento em um dos segmentos de arte no sertão mais difundidos pelas gerações, desde as mais antigas, até as mais novas. Mestre Rubério, que já é considerado um patrimônio vivo da cidade, é um exemplo de que a sabedoria popular ocupa lugar tão importante quanto a intelectual e empírica no que diz respeito à História da arte.

Quando analisamos as palavras de Mestre Rubério, concluímos que o artesanato se tornou a sua vida de acordo com os anos, mesmo tendo trabalhado em outros ofícios, nada o reteve mais do que a arte que saía de suas próprias mãos. Mestre Rubério, é orgulhoso e feliz pelo seu ofício o qual ainda quer ir muito longe, e desta forma, a História da Estrada de Ferro Paulo Afonso, das embarcações e carrancas de proteção, que povoa o imaginário da população até os dias de hoje, pode ser preservada visualmente nessas peças.

Assim, os objetivos desta pesquisa foram alcançados, de forma a evidenciarmos ainda mais o trabalho do artesão Rubério, e assim, reforçando também o trabalho de quem já atua na divulgação de sua arte. A memória de um povo é preservada de diferentes formas, sendo pela escrita, fotos ou desenhos, mas é através de arte, como o artesanato local de uma região, que se consegue ter acesso aos sentimentos nelas incutidos e as memórias visuais, nesse caso, do povo sertanejo.

Ainda o texto presente espera ter dado um impulso a mais, para que, o mestre Rubério artesão das miniaturas de madeira, possa ser incluído ainda em vida no registro de patrimônios materiais e imateriais do Estado de Alagoas. Pois, seu Rubério é um verdadeiro patrimônio vivo, não há dúvida de sua importância tanto para a história do Baixo São Francisco, como para a história da cidade de Piranhas.

6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Luiz Sávio de. **As ceramistas indígenas do São Francisco**. Estudos avançados 17 (49). P. 255-270.2003.

BARBOZA, Monielly Suelen Gomes. **Coronéis da luz, escuridão dos povos: A Chesf e as mudanças sociais na cidade de Piranhas/AL (1970 a 2000)**. Trabalho de Conclusão de curso de Licenciatura plena em História, pela Universidade Federal de Alagoas. 2017. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/8240>. Acesso em: 15 abr. 2022.

BARROS, José D'Assunção. História Cultural-Um panorama teórico e historiográfico. In: **Textos de História**, UNB, volume 11-nº 1 e 2, 2003, p. 145-171.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOBBIO, Norberto. **O Tempo da memória**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CAVALCANTE, Mariana Magalhães; Vasconcelos, Daniel Arthur Lisboa de. **Saberes e Fazeres Populares: o artesanato nas regiões turísticas de Alagoas**. Caderno Virtual de Turismo, vol.22, num.1, 2022. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.

CORREIA, José Cícero. **Trabalho, seca e capital: da construção da ferrovia estrada de ferro Paulo Afonso à fábrica de linhas da pedra (1878-1914)**. Maceió. 2015.

DELGADO, L.A.N. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. In: **História oral**, 6, 2003, p. 9-25.

DIAS, M. E. B. **As Areias Coloridas do Litoral Cearense Modeladas por Sábias Mãos**. O público e o privado n.2. 2003.

DINIZ, M. B.; DINIZ, M. J. T. Arranjo produtivo do artesanato na Região Metropolitana de Belém: uma caracterização empírica. **Novos Cadernos NAEA**. v.10, n.2. 2007.

DUARTE, Danilo Mendes; MACEDO, Odomaria Rosa Bandeira. **Um rio provedor: Culturas e comunicação em navegação no São Francisco**. In: Intercom- Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação- Foz do Iguaçu- 2 a 5/9/2014.

EDUARDO, Carlos. 2019. **Embarcações do Baixo São Francisco**. Disponível em: <http://canoadetolda.org.br/iniciativas/projetospermanentes/emabarca%C3%A7oes-dobaixo-sao-francisco>. Acesso em: 06 nov. 2021.

FALCON, Francisco José Calazans. História Cultural e História da Educação. **Revista Brasileira de Educação**, Minas Gerais, v. 32, n. 11, p. 328-375, maio 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1910 – 1989. **Mini Aurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa/** Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação de edição, Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; lexicografia, Margarida dos Anjos... [et al.]. 4. Ed. Rev. Ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

GIUDICE, Dante Severo. **Potencialidades Turísticas da Região do Médio São Francisco. BAHIA-BRASIL.** 2019. Disponível em: <https://voenews.com.br/2019/12/06/potencialidades-turísticas-da-região>. Acesso em: 10 set. 2022.

GRAMACHO, Analice Passos Costa *et al.* O artesanato da região do baixo São Francisco: suas características, níveis de organização e geração de renda. **Revista de Desenvolvimento Econômico**, Salvador, v. 1, n. 9, p. 115-142, dez. 2017.

IPHAN. **Inventário Nacional de Bens Imóveis Sítios Urbanos Tombados.** Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/inventarionacionaldebenssitiourbanostombados_manualdepreenchimento.pdf. Acesso em: 18 mai. 2023.

SILVA JÚNIOR, L. S. da. Carranca vampira: a vitória da estética mercadológica. **Encontro de História da Arte**, Campinas, SP, n. 9, p. 214–222, 2013. DOI: 10.20396/eha.9.2013.4445. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/eventos/index.php/eha/article/view/4445>. Acesso em: 04 set. 2022.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Definindo História Oral e Memória.** Cadernos CERU- n° 5- Série 2-1994, p.52-60.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; Fabíola Holanda. **História oral: como fazer, como pensar.** – São Paulo: Contexto, 2007.

MOREIRA, Álvaro. **Projeto da Exposição Fotográfica e de objetos Mestre Rubério um artesão de Piranhas.** 2019.

OLIVEIRA, Evelina Antunes F. de. **Nos Trilhos da História do Baixo São Francisco: um ensaio sobre a Estrada de Ferro Paulo Afonso.** In: **mneme revista de humanidades.** v.4- N-8- abril. /set. De 2003-semestral. Disponível em: <https://www.cerescaico.ufrn.br/mneme>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

PIRANHAS. Câmara Municipal. Ata da 5º Sessão Ordinária Itinerante, realizada no dia 25 de Setembro de 2019. **MOÇÃO DE APLAUSOS E CONGRATULAÇÕES Nº 004.** Setembro-2019. Disponível em: www.piranhas.al.leg.br/atas-das-sessoes/#1552420837033-8bef0a1c-5292. Acesso em: 26 nov. 2022.

POULET, G. **O Espaço Proustiano.** Rio de Janeiro: Imago, 1992.

QUEIROZ, M. I. P. de. **Relatos orais: do indizível ao dizível.** Ciência e Cultura, São Paulo, v. 39, n.3, p. 272-286, mar.1987.

SILVA, Sylvania Monteiro da. **Comércio criativo e desenvolvimento local: o artesanato no grupo estação cangaço.** 2020. 51 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Alagoas, Santana do Ipanema, 2020.

SILVA, Álvaro Antônio Moreira da. **Piranhas de baixo, Piranhas de cima, Nova Piranhas**: conservação urbana patrimonial versus modernização em área de influência direta da UHE de xingó. 2003. 124 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

VENTURA, Lidianne. **A cidade de Piranhas-AL como objeto de ensino geográfico**. Trabalho de conclusão do curso de Geografia, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia. 2019. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/5146>. Acesso em: 6 jul. 2023.

VIEIRA, Felipe. **Exposição Mestre Rubério um artesão de Piranhas, ainda em cartaz**. Blog história sertão, 2020. Disponível em: <https://bloghistoriasertao.blogspot.com>. Acesso em: 15 set. 2022.

VIEIRA, Felipe. **Piranhas para além da gruta e da gruta**. Canoa de Tolda, 2021. Disponível em: <https://canoadetolda.org.br/artigos/2021/02/26/piranhas-para-alem-da-gruta-e-da-gruta/>. Acesso em: 23 ago. 2023.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. In: **Arquivos Fontes e Novas Tecnologias**: questões para a história da educação, organizada por Luciano Mendes de Faria Filho – Campinas – SP: Autores Associados. 2000.

FONTES ORAIS

FONTES, Rubério de Oliveira. Entrevistado por Aline Soares Santos em 28/09/2022 – 25/11/22 – 09/06/23. In. **Biblioteca Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão**. Delmiro Gouveia – Alagoas.

SILVA, Álvaro Antônio Moreira da. Entrevistado por Aline Soares Santos, via e-mail em 18/11/2022. In. **Biblioteca da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão**. Delmiro Gouveia – Alagoas.

NASCIMENTO, Felipe Idalino Vieira do. Entrevistado por Aline Soares Santos, via e-mail em 29/09/2022. In. **Biblioteca Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão**. Delmiro Gouveia – Alagoas.

APÊNDICE – 1

Entrevista realizada no dia 28/09/2022 – 25/11/22

Entrevistado: Rubério de Oliveira Fontes, conhecido como Mestre Rubério, residente em Piranhas/ AL.

NOME: Rubério de Oliveira Fontes;

PAIS: Pedro Fontes de Oliveira e Dalva Fontes;

NASCIMENTO: nasceu em 1941, na cidade de Piranhas-AL;

BIOGRAFIA CURTA: Trabalhou como ajudante de padeiro, vendeu pão, trabalhou na estrada Sudene, foi ajudante na oficina de Sr. Elias, Local onde mexeu pela primeira vez em madeira, durante 25 anos trabalhou na Chesf em vários cargos, e em sua volta a Piranhas, em 1984, teve bar, restaurante, mercado e trabalhou em empreiteiras da Chesf. Casou-se aos 18 anos com Maria Odete e teve seis filhos.

ATIVIDADE PROFISSIONAL: Artesão.

PARTE 1 - 28/09/22

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Bom hoje estou aqui, 28 de setembro de 2022, na Cidade de Piranhas, no estado de Alagoas, na oficina do senhor Rubério de Oliveira Fontes, artesão, para fazer uma entrevista, que será gravada por meio de um aparelho celular, saliento que o senhor Rubério autorizou a gravação. Bom senhor Rubério, o senhor, poderia falar pra nós aqui um pouquinho, é, no que o senhor já trabalhou até surgir o interesse pelo artesanato.

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Posso, posso dizer, eu trabalhei o seguinte, quando sair daqui pra Paulo Afonso trabalhei na Chesf 25 anos, da Chesf eu fui pra, pra Setenco e quando eu, eu voltei pra Piranhas entendeu, fui botei bar, botei é é restaurante, e fui trabalhar na no consócio, trabalhei no consócio, trabalhei na loca rio, entendeu e continuo(gagueja um pouco) e too continuando meu, meu, até agora trabalhando ainda porque eu não parei ainda entendeu e acho que vou morrer trabalhando se, se Deus quiser.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: O senhor começou a fazer o artesanato quando?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Fazer em 87 por aí assim 87 eu comecei, porque eu, eu estava em outros trabalhos e aí eu tentei fazer aí conseguir fazer, aí fui, até hoje ainda too no artesanato, fé em Deus.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: O senhor comentou comigo que o seu primeiro artesanato foi uma canoa [Rubério fala atrás também a palavra canoa] que o senhor fez para

seu pai.

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Então pronto, você ver se você vai lembrando das coisas aí, que aí eu, pois foi eu, eu fiz uma canoa, o rapaz chegou lá no bar com um barquinho, aí eu vi, e lá tinha uma turma bebendo aí eu disse rapaz, quando ele saiu, rapaz se eu ver ele começar eu faço um barquinho desses, teve pessoas que ficou lá duvidando, faz nada, faz nada, sei o que, faço, eu faço, aí eu um dia peguei um pedacinho de umburana, arrumei um pedacinho de umburana e fiz um barcozinho, até uma chatinha, fiz pra meu pai dei um presente pra meu pai que ficou muito satisfeito [palavra inaudível] não era muito bem-feita igual ao caba que, que já tinha muito tempo fazendo, mas ele ficou gostando muito né desse, desse barquinho, meu pai.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: É, então o senhor começou em 87 as produções do artesanato, e qual é o significado do artesanato pro senhor?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Pra mim o significado é (repete algumas vezes) é ótimo ééé como se diz, é uma profissão que eu gosto, dou muito valor, então pra mim é muito sig, significativo pra mim.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: É?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: É.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Sim, é, quando então o senhor iniciou o artesanato qual era o objetivo? Passar o tempo, ganhar dinheiro.

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Eu iniciei, não pensava nem, nem em ganhar dinheiro porque o serviço era devagar, porque eu tinha outros trabalho entendeu, então eu só, quando tirava uma horinha eu fazia as coisas pra passar tempo entendeu, não foi tanto pra ganhar dinheiro mais pra passar tempo, porque eu as vezes eu não gostava de tá parado aí, tinha que continuar fazendo meus trabalhos, entendeu, até hoje, hoje eu too velho, meio velho mais não paro não, graças a Deus.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Então o senhor aprendeu, fazer artesanato vendo um rapaz, foi isso [no fundo ele já respondi foi]?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Foi, ele passou lá com um barquinho, aí foi quando ele passou, eu tinha o pessoal bebendo lá no bar, aí ele saiu, quando foi embora com o barquinho, eu disse rapaz se eu vir ele começar, como ele começa eu faço, aí fiz, fiz o primeiro que eu dei a meu pai, o presente ao meu pai.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Oh seu Rubério conte para a gente quando foi que surgiu, é como o senhor pensou, surgiu não que diga, é desculpe, como o senhor pensou pra o

que ia ser feito aqui, é na sua oficina, é a embarcação, a maria fumaça, as carrancas.

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Eu comecei é como se diz, os barcos, foi, foi são esses, uns eu fiz porque eu, eu tirei foto né, como a maria fumaça também que tem muitos anos que foi desativada em 64 e eu cheguei aqui em 87 pra 88 então não tinha muita noção que eu nunca havia visto mais eu vi foto dela, pela foto eu comecei a fazer, Comendador Peixoto também, a a a como é que se diz[tentando lembrar, falou boa tarde respondendo uma pessoa que falou com ele, passando na frente da oficina] as canoas de toldas eu vi umas aqui, que estava no chaleiro por aqui, aqui, aqui em Entremontes ai comecei a fazer e fiz até agora.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Foi? E a carranca?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Carranca o pessoal mais velho diz que era pra espantar os maus, porque dizem que, que no rio aqui tinha um nego d'água, que tinha um lobisomem, tinha não sei o que aí, um bocado de coisa, então sempre esses barcos grandes usavam essas carrancas na frente.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Aí o senhor começou a fazer elas também em miniaturas.

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Fiz elas porque, porque elas pertenciam as embarcações né, aí eu tive que fazer essas carrancas também, aí fiz.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Humrum, por que a carranca do senhor é dando língua?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Dando língua porque o seguinte, todas elas quando você ver elas por aí tem uma língua vermelha e é dando língua, umas faz como aquelas de lá, [palavra inaudível] essas daqui pequenininha não tem como o caba esconder, deixar baixa elas, aí a gente já as faz, faz elas dando língua.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: É? O que significa, qual o significado da carranca pro senhor?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Significado da carranca é que como se diz, é eu fiz porque, fiz as embarcações, que essas embarcações de antigamente, antes, muito tempo atrás eles andavam com, com as carrancas na frente já pra espantar os maus, então se eu fiz as embarcações tinha que fazer a carranca.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Ah, pronto, que é um símbolo de proteção aqui [ele fala ééé no fundo] na região é isso?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: ÉÉ o símbolo de proteção dos barcadores, dos, dos, dos pilotos né, do pessoal que navegavam no rio são Francisco, que muita gente tinha medo de viajar a noite né, e esse negócio de aparecer o lobisomem né, não sei o que aparecer no rio, o nego d'água.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Oh seu Rubério, o senhor comentou comigo que, é, que além do seu artesanato em miniaturas de madeira, o senhor já chegou a fazer embarcação é original mesmo que navega aqui no Rio São Francisco.

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Já sim, eu fiz um, um, eu tenho, eu ainda tenho ele na casa, ele tá ali em Dr. Murilo o Beleza Pura que eu, eu tomei muita cachaça nele, aqui no rio, navegando mais os meninos ai entendeu, com 8, 8 metros e 30, tinha 1,60 metro de largura e, e, e tinha 60 de altura entendeu, o motor, era motor a diesel, entendeu, e eu rodava direto aí pra Canindé, pra Entremontes, pra todo canto, pra Ilhas tinha umas Ilhas que a gente levava galinha pra lá, pra o tira gosto, e ia pra lá tomar cachaça...

Entrevistador [Aline Soares Santos]: O senhor pode contar aqui pra gente quanto tempo leva as produções, as embarcações, a carranca, o trem.

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Veja bem, u, u eu fiz, fiz um contrato com a Chesf e eu fiz doze, doze peças, entre, entre elas a maria fumaça, os vagões e, e essas as embarcações, deu doze peças, o trem, quatro vagão, é u, u, u, u como é, o vapor u como é Comendador Peixoto, Tupi, era Tupigi, era Tupan, u, u, u, a canoa de tolda, canoa de pesca, a Chata e a canoa de pescaria, eu fiz in, in, in 30 in 60 dias.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Em 60 dias é o senhor fez todas essas peças?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: é fez todas essas peças.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: É foi?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Foi.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: O trem o senhor falou que dura, um o senhor faz dentro de 20 dias é isso?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: É, bom no, no caso que eu estava falando dessas peças toda entendeu, eu, eu se eu for fazer ele só, é porque eu fico perdendo tempo mais aí é, é na faixa de uns 15 a 20 dias pra deixá-lo pronto

Entrevistador [Aline Soares Santos]: ela, e, é, a navegação o senhor disse, que é 30 a 40 dias é isso a maior, esse maior?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: é uns 40 dias esse catamarã que é o Delmiro Gouveia é na faixa de uns 40 dias ele, que eu o apronto.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: é, é seu Rubério o senhor pode falar pra gente é, se quando o senhor tá fazendo suas [pausa], suas obras aqui, é o senhor lembra de alguma coisa?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Lembro sim, eu lembro, lembro que, que tinha

meu pai que trabalhou aqui na rede ferroviária que era torneiro mecânico e eu via muito é, é como é que se diz, andava aqui por perto da oficina e lembro muito do meu pai entendeu, que foi um grande torneiro aqui entendeu, e quando, quando eu, eu, eu, eu chego em casa ou alguma coisa chego em casa, [fala Lurdinha passando aí, com uma moça que passou na frente da oficina] ai quando tô em casa e chego em casa, me lembro muito dele, digo se hoje tivesse meu pai vivo entendeu, a gente eu acredito que eu e ele fazia um bocado, um bocado de coisa, fabricava um bocado de coisa por ai, entendeu, porque ele era, era muito bom profissional meu pai.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: então quando o senhor tá fazendo o trem, a Maria Fumaça o senhor lembra de seu pai?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: É Lembro, muito do meu pai, porque ele, ele era o mecânico desse, daí da oficina concertava o trem, torneava as rodas do trem, fazia tudo do trem era ele, que tinha peça que não tinha na, na [palavra inaudível] por aqui aí ele tinha que encher e depois solda [opa tudo bom, respondendo a moça que estava varrendo lá fora] encher de solda e depois ele torneava fazia a mesma peça [palavra inaudível] mesma peça ele torneável meu pai, tipo aí.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: E as embarcações o senhor disse que lembra, o quê?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Eu lembro, das embarcações eu, eu lembro eu, eu parece que eu me esquece um pouquinho, [palavra inaudível] mais assim, eu lembro o seguinte, eu lembro, que eu gostava muito de que dia de terça-feira ia ali pra o cais, pra beira do rio, pra ver chegar os barcos tudo, o pessoal chegando de viagem, chegava também na terça-feira o Comendador Peixoto entendeu, e eu, eu me lembrava muito que, que tinha na terça-feira e na quarta, e que na quarta-feira era feira daqui e a gente tinha que tá, na, na feira entendeu, ai me lembrava de tudo isso, na [...] entendi. Naquele tempo pessoal novo, jovem a gente tinha, tem, tem essa lembrança ainda.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: A feira era na terça-feira, era? Aqui em Piranhas?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Era na quarta-feira.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Na quarta?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Era.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Aí as embarcações chegavam na terça era?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Começavam a chegar na segunda e na terça, aí viajavam, voltavam só na, na quarta-feira depois de meio dia começavam a descer iam pra Pão

de Açúcar, Penedo, Propriá, Piaçabuçu [palavra inaudível] vinham buscar mercadoria.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Seu Rubério, é, através do seu artesanato o que, o que ele proporcionou, é o senhor conheceu lugares novos, pessoas.

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Foi, eu graças a Deus entendeu, eu com esse artesanato já conheci muitas pessoas, e chegaram aqui, e me deram muito valor, gostaram muito dos meus trabalhos, entendeu, e pra mim, foi como se diz, eu conseguir, foi o maior prazer da minha vida, é que, isso que eu fiquei reconhecido, eu estava meio, meio apagado, mais graças a Deus, é acendeu a, acendeu a luz, a luz está se acendendo né? Tô por aqui, e fé em Deus vou bem longe ainda, fé em Deus.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: É seu Rubério seu conhecimento de fazer os artesanatos, alguém já mostrou interesse em aprender? O senhor tem vontade de ensinar?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Sim, tenho, muita vontade de repassar o que eu sei para outras pessoas, só que é o seguinte, não tem o incentivo, ninguém aqui, chega aqui pra dizer assim Rubério o que precisa, e o que não precisa e precisa, e tal, entendeu, ninguém chega aqui, agora eu é que não posso, eu pegar do meu bolso e pegar dinheiro pra, pra gastar, pra comprar mercadoria, material né? Mas se, se alguém tiver pelo menos uns 3, 4 no mínimo de aluno, eu poderia tá, é é ensinar, mas até agora ninguém, ninguém não falou nada a mim, é [...]

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Quer dizer, que então, que talvez, não se tenha uma pessoa que continue com esse trabalho do senhor né?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: É, é exatamente isso que penso, porque tem que ter uma pessoa que, que, que incentive né? Mais aqui até agora não apareceu ninguém, e eu too aqui, tô continuando aqui devagarzinho fazendo meus trabalhosinhos, cortando umas madeirinhas e ajeitando as coisas.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: É, e o senhor tem algum desejo assim, ainda relacionado pra o seu artesanato, é[um pouco pausado] crescer mais, ser mais conhecido, é, ou de passar esse conhecimento né, Porque quando o senhor não estiver mais aqui, presente entre nós, ninguém vai mais saber fazer né, porque isso que, que o senhor faz é um dom, né, o senhor aprendeu olhando e assim, quando o senhor não estiver mais aqui, quem é que vai fazer essas produções?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: É, isso eu tenho vontade, como eu já falei pra outras pessoas aqui em Piranhas, que eu tinha vontade de repassar o que eu sei, pra outras pessoas, mas, só que agora, o que acontece é que, até agora ninguém, ninguém falou nada até agora a mim, entendeu, então o que acontece, é que eu tô parado, eu, eu tô fazendo, eu tô

parado de repassar pra outras pessoas, mais meus, meus trabalhos eu tô continuando, continuando meus trabalhos.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Oh, oh seu Rubério, qual é a madeira que o senhor usa no seu trabalho? E qual o senhor acha melhor?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: A melhor, eu, eu não trabalho com, com mulungu não, mulungu eu não gosto de trabalhar porque ele bixa, eu trabalho com Cedro pra fazer os barcos é com Cedro e na, na parte de carranca é com, com imburana né com imburana que eu faço.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Cedro e imburana, são as que o senhor trabalha.

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Cedro e imburana, é eu trabalho com essas duas madeiras.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: E como o senhor consegue essas madeiras?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Essas madeiras, é o seguinte o Cedro eu consigo, in nessas casas antigas que eles, que eles tiram, tiram o, o madeiramento pra botar madeiramento novo, aí sobra linha, sobra, sobra barroco, sobra como é o nome, é porta, então aí eu, os meninos, o pessoal lá ajudantes, pede, pega e traz, e eu compro, é, é isso que eu tô fazendo. E, e a imburana eu mando, tem um, tem um rapaz aí, que ele tem um motosserra, aí quando eu preciso eu o mando, ele tirar no mato, ele tira no meio do mato, aí eu pego meu carro e vou buscar, ai, ai eu faço as carrancas [silêncio]

Entrevistador [Aline Soares Santos]: É, seu Rubério qual é o sentimento que o senhor tem, ao ver seu trabalho se tornando reconhecido e se tornando mais conhecido? Como por exemplo né, o senhor já teve a exposição por, por iniciativa do Álvaro Moreira né? E também recebeu o convite pra participar da Academia de Letras aqui de Piranhas.

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Pra mim, é, é, é se dizer, é um orgulho né, porque quer dizer, que eu too, por intermédio dele eu já estou muito conhecido, graças a Deus, entendeu, e também esse convite que ele fez, pra mim, pra eu ir pra academia também, pra mim, pra mim é muito importante né.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Humrum.

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: É.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Humrum. É e o senhor disse, que graças a Deus tem sido, é bastante conhecido né, o senhor disse que não só aqui, na região de Piranhas, mais como no Brasil.

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: É, é, isso, isso porque já, já tem peça minha até

no exterior né, já tem pra lá que Álvaro deu de presente, entendeu, e no Brasil tem vários cantos que tem, o pessoal já chegou aqui e disse seu Rubério rapaz em tal canto, o, o senhor é muito conhecido, e tal, como no Rio Grande do Sul, e não sei aonde e tal, e muita gente que, tem gente que chegou aqui e disse, no Rio de Janeiro eu já vi uma peça dessa aqui, tem um barco desse aqui, que é a canoa dessa de tolda, eu disse deve ter sido feita aqui né, pode ser que tenha sido de outras pessoas por aí, que faça também né, não, não é só eu que sei fazer, mas tem outras pessoas, e, eu sei que pra mim, é muito, é muito importante demais, demais, demais, porque eu tô, é como é que se diz, eu já, já estou navegando por ai, mais longe do que, do que o estado de Sergipe, por aqui, eu tô longe.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: É, então o senhor nos disse que desde 87 que o senhor já faz é artesanato né? Em madeira?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: É. Desde 87, de 87 pra cá, eu, eu, eu não fazia assim, eu fazia umas pecinhas, o cara pedia pra, pra dar de presente, Rubério faça um barquinho desses pra mim, e eu ia e fazia, não, não cobrava nada entendeu, porque era uma besteirinha, ai eu sempre, não parava, porque eu tinha um, outros movimentos, mas nesse movimento, o salão, eu tinha um salão, o salão era grande começava a fazer no salão, no salão lá, separado eu fazia meus trabalhos né, ai botava na prateleira e tal, ai depois Álvaro viu quando, quando eu estava fazendo o catamarã e ele disse você tá, tem que ser reconhecido, eu disse não Álvaro isso aqui é o seguinte, eu faço pra não tá parado rapaz, ele disse não, tem que ser reconhecido, foi quando ele falou com a prefeita e a prefeita autorizou entendeu, ai, me deu a mão mesmo, ai agora pronto eu vou, vou continuar meus trabalhos, porque é, é importante né.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: E o senhor comentou também, que graças a Deus, o seu artesanato tem sido, uma, uma renda extra, boa né?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: É. Graças a Deus entendeu, sempre os, os turistas chegam aqui, e, e leva um pedacinho de pau desse aí, entendeu, acha muito bonitinho e leva né.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Levando história daqui né? Da nossa região.

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: É levando história daqui, quando eles chegam aqui, eu explico logo a eles, que aqui esse artesanato é as peças que é réplicas dá, réplicas das peças que navegou aqui no Rio São Francisco, e, e na rede ferroviária né, do, do, Maria fumaça, aí eu explico a ele né?

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Muito bem seu Rubério, o senhor quer falar mais alguma coisa sobre seu artesanato, sobre sua vida.

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Minha vida é graças a Deus boa demais né[risos] por porque eu, eu, eu tenho meus trabalhos, não tenho preguiça e, e que pela minha idade eu dou graças a Deus, ainda, ainda ter isso aqui, porque, porque, ele, ele como é que se diz, eu, eu ainda tô com a minha saúde, e, e dependendo disso aqui, porque se não fosse isso aqui, talvez eu já tivesse ido, entendeu, já tivesse viajado, mais graças a Deus, ainda tô, com, tô aqui batendo com os olhos aqui, aqui balançado oh as duas pernas, e com fé em Deus ainda vou longe, com fé em Jesus Cristo.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Então o senhor se sente muito feliz, e realizado sendo artesão?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]:Sinto, sinto, sinto sim [rir um pouco] sinto muito orgulhoso entendeu, ser um artesão porque é o seguinte, é, é, é um trabalho que não é pra, não é todo mundo, que pode, que pode, não é todo mundo que pode assumir uma vaga, uma vaga como essa, né? Minha, entendeu e eu sinto que sou, eu sou muito orgulhoso por isso, porque graças a Deus, e ao pessoal também, todas pessoas que me conhece, conhece meu, meu, meu trabalho, meus trabalhos, eles, todo mundo me dar valor, não teve um pra dizer que negócio feio Mestre, isso aqui, isso aqui, Ave Maria os cabas quando chegam aqui que vê, todos eles que chegam e entram aqui e que vê me dar valor nisso aqui, como, como pessoas grandes que tem por aqui por Piranhas, por todo canto, se vem aqui e compra meus trabalhos é porque, ele, ele acha, que, que eu mereço né, como é, levar meu trabalho pra, pra reconhecimento né. Graças a Deus.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Quer falar mais alguma coisa Rubério?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Não, tá bom né, [risos] e veja se gravou, que se não gravou nós gravamos de novo.

Entrevistador [Aline Soares Santos]:[risos] Bom como nada mais tem a acrescentar, dou por encerrada a entrevista com o senhor Rubério [pássaros cantando no fundo ...]

PARTE 2 – 25/11/22

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Oh seu Rubério, quando foi que o senhor se casou com Dona Odete, qual foi o ano?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Rapaz agora você me pegou viu, eu sei que eu me casei com 18 anos pra 19, agora qual foi o ano... deve ter sido mais ou menos em 1959, que foi quando eu fui pra Paulo Afonso pra trabalhar na Chesf. Que foi em 59.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: E quando vocês se casaram, o senhor a levou pra Paulo Afonso? Ou ela ficou aqui em Piranhas?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Ficou aqui em Piranhas, ela ficou aqui em Piranhas na casa do pai dela, por que é o seguinte, porque quando eu fui trabalhar no emprego, eu não tinha casa, não tinha nada, tinha que arrumar uma casa, arrumar as coisas, por que não tinha nada na vida entendeu? Até o terno foi o meu pai que mandou fazer, mandou um alfaiate fazer o terno aí, pra eu poder me casar..., mas ela ficou aqui, toda semana eu vinha, porque era perto, vinha na sexta por aqui e voltava na segunda, aí toda semana eu vinha.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: E o senhor lembra do ano que nasceu o primeiro filho do senhor?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Rapaz é meu filho Ruberinho, não Ruberinho não, foi Fátima, Fátima nasceu com um ano, um ano e pouco de casado, como eu fui em 1959, foi de 1960 pra 61 que ela nasceu, Fatima ela tem 61 anos, faça aí a conta eu tinha 20 anos.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: É se ela tem 61 anos, então ela nasceu em 1961, já que o senhor tinha 20 anos.

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: É então é isso mesmo. É ela tem 61 anos, as vezes a pessoa se esquece um pouco, e tem tempo já.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: É [pausa] e suas peças o senhor segue um tamanho específico? Quando o senhor as faz, ou o senhor as faz no olho? Sem medidas?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Eu faço no olho, porque é o seguinte, eu não faço num tamanho específico porque, porque, as vezes a pessoa que uma maior, quer uma menor sabe, entendeu? Eu a faço desse tamanhinho [ele nesse momento mostra com as mãos o tamanho da menor canoa que ele anda fazendo] não sei se eu já mostrei a você, mostrei?

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Mostrou sim.

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Eu faço vários tamanhos né, e também depende da madeira, se a madeira é só um pedaço e só dá pra fazer um barco, aí eu faço. Entendeu?

Entrevistador [Aline Soares Santos]: ah sim, entendi.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: E em relação as cores de suas peças, o senhor pinta igual as originais? Ou tem algumas que o senhor pinta do seu jeito?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Tem umas que eu pinto do meu jeito né, tem até umas aí que eu pinte da cor da bandeira do Brasil, verde, amarela, branca, parte azul, porque

está chegando à copa do mundo, eu pensei vou pintar, pra ver se vai sair né. Mais se eu pintar uma, tem que ser elas em várias cores, as vezes o cara quer de uma cor, outro que outra né, gosta de outra cor, aí eu não posso ficar pintando de uma cor só. As canoas, as maiorias delas eram brancas, a parte delas, as barras eram brancas, todas eram brancas, umas eram as vezes cinza, entendeu? Um cremezinho também tinha, é o cara pintava, o dono né pintava a cor que quisesse.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Há, entendi. Então quer dizer que não tinha uma cor assim específica? As cores não eram iguais né?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Não, é vamos dizer as canoas, se eu fizer dez, as dez não são da mesma cor, deixei eu pegar umas aqui pra eu te mostrar, pra você ver umas aqui viu... [ele foi buscar umas canoas de toldas, umas minis que ele está fazendo, as cores eram de vários jeitos, com as cores da bandeira do Brasil, brancas com listas vermelhas, algumas com verde, enfim, uma variedade em cores].

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Então as cores o senhor sempre pinta colorido né? De várias cores?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Sim, eu sempre pinto de várias cores, são coloridas. Eu não posso pintar de uma cor só, como só branca com as barras vermelhas, por que aí as vezes o caba chega aqui e não quer dessa cor, se engraça quer dizer, da preferência de outra cor né, é por isso que eu as faço de várias cores.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Entendi. Muito obrigada pela atenção e por tirar essas dúvidas seu Rubério.

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: De nada, precisando estou aqui, se eu souber responder e puder ajudar, estou as ordens, e qualquer coisa é só vim aqui, que a gente resolve, porque eu sou bom nisso aqui [nesse momento ele aponta para as coisas da oficina] porque em celular não sei mexer não, aí você vem aqui se precisar, eu estou sempre por aqui viu.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Eu agradeço ao senhor, e se eu precisar de alguma coisa, mas eu ligo para o senhor viu, e venho aqui.

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Está certo minha fia, pode vir.

PARTE 3- 09/06/23

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Oh seu Rubério, o senhor nasceu aqui em Piranhas não foi isso?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Foi isso, nasce aqui em Piranhas, nasce naquela casa que hoje é a pousada de Celsinho, então ali era duas casas que era da rede ferroviária, que morava papai e morava outra família que trabalhava na rede ferroviária, nasce daqui para lá a segunda casa, entendeu você vindo de lá de Piranhas de baixo depois da ponte, é a primeira casa da esquina, eu nasci naquela casa ali.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: A infância o senhor passou toda aqui em Piranhas mesmo?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Esse tempo até os dezoito anos, eu morei aqui em Piranhas, só que quando eu me casei, eu me casei no domingo quando foi na quarta-feira já estava certo, meu pai era torneiro mecânico e já tinha conhecimento com outros torneiros mecânicos, lá de Paulo Afonso e vinha trazer peça para aqui, eu não sei se você conhece ali um tal de Pereirão (no fundo respondo que não) que era genro desse Aristóteles, seu Aristóteles era torneiro mecânico, ai papai falou com ele para arrumar um emprego pra eu lá em Paulo Afonso, ai eu casei no domingo quando foi na quarta-feira eu tava ali conversando que era dia de feira, conversando ali na feira, ai papai foi lá e disse Rubério seu Aristóteles já ligou para mim e disse que você tem que comparecer lá em Paulo Afonso, que já está o emprego certo, ai eu fui.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: O senhor trabalhou de que em Paulo Afonso na Chesf? Qual era a função do senhor lá na Chesf?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Um bocado, eu trabalhei com muita. Quando eu cheguei na Chesf em 59 eu trabalhei de ajudante de carpinteiro, fazendo caixão de defunto (caixão de defunto) eu sei que a Chesf fazia muito caixão, aí eu fazia caixão de defunto, tinha uma área lá que era uma casa de carpinteira, ai eu trabalhei lá de ajudante de carpinteiro, ai depois, eu era meio espertozinho, ai eu fui classificado, o chefe lá me classificou como carpinteiro para ganhar um salariozinho melhor, trabalhei na Chesf, quando eu sai da Chesf eu trabalhei na Setenco.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: que é a empreiteira que o senhor falou né?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: sim a empreiteira. Era um salariozinho melhor, ai eu fui para a Setenco, ai quando eu sai da Setenco eu fui, como eu já tinha recebido a indenização da Chesf quando sai e comprei uma kombi, eu fiquei rodando de Paulo Afonso até Petrolândia, Itaparica naquele tempo lá que estava tendo obra lá, que muita gente ia dia de sábado para lá, um movimento danado lá, entendeu, ai eu fiquei rodando, fiquei rodando, quando saiu o negócio da obra daqui do Xingó, entendeu, ai eu falei tenho que voltar pra

Piranhas, tenho que voltar pra Piranhas, entendeu, ai eu fui e voltei pra cá, quando voltei botei bar, só que com um tempo, ai eu já tinha trabalhado com o motorista do chefe, ele me conhecia, colega meu também, ai era motorista dele, ai passou lá no bar e me apresentou, e disse rapaz esse Rubério aqui é operador de máquina pesada, ai ele disse : rapaz vamos, rapaz nós estamos precisando de um operador, vá lá pra fazer um teste. Ai eu disse eu vou, eu tinha o bar né, ainda não tinha o restaurante não, ai eu fui, um dia eu fui, quando cheguei lá, lá na oficina que era lá em cima indo pra Poço Redondo, pra Paulo Afonso, ai me apresentei lá e ele disse eita Rubério você chegou numa hora que não tem nenhum operador, ai tinha uns 5 caminhões para fazer o teste, ai ficamos conversando, ai tava [palavra inadiável] ai ele mandou eu subir em uma máquina lá no lado do motorista, ai eu subir lá do outro lado, ai ele disse liguei o painel desse bicho ai, ai eu já tinha trabalho em Paulo Afonso né, lá no consorcio na Setenco, ai eu liguei ai ele disse traga o documento que você está fichado, que você já conhece. Eu nem andei na máquina, eu só fiz subir na máquina e ligar, meu colega também já tinha informado a ele que eu era operador, ai eu comecei a trabalhar, um dia deu um problema lá subindo a serra lá, ele embalou entendeu, ai eu quase me acabava, precisei me jogar em cima de um monte de pedra que tinha lá, pra poder mim salvar, foi como eu me salvei, porque se eu tenho seguido a viagem eu tinha morrido, porque podia dar uma virada e eu podia ter morrido né. Quando ele bateu e virou né arrancou a traseira só, entendeu, mais ficou parado, os meninos correu me levou pra o hospital entendeu, ai depois que eu trabalhei eu mais rapaz, quando voltei do hospital disse ao encarregado, que trabalhava comigo na Setenco de Paulo Afonso comigo, eu disse rapaz quero mais não, pode bater minha ficha que eu não quero mais não, ai ele não rapaz fique aqui, você um rapaz trabalhador, porque tinha muito interesse em gente aqui próximo a obra, ai eu disse não mais eu não quero não, quero não, quero não, eu com medo, escapei vivo de uma dessa, da primeira, mais da segunda posso não escapar. Aí ele disse deixe, veja bem eu vou arrumar um negócio melhor pra você, ai eu disse tá certo, ai fiquei e ele me arrumou, fiquei como manobreiro, manobreiro era assim, tinha uma guarita, uma prancheta, e todo carro que entrava pra oficina, eu que pegava ele, o operador descia e eu pegava o carro, e depois só me dizia Rubério tá pronto, aí dava baixa e trazia pra o pátio lá, mais aí eu fiquei trabalhando, trabalhando, ai depois quando faltava operador de Delmiro e de Paulo Afonso, era preguiçoso, demorava, tinha deles que lá, ai quer dizer a máquina não podia ficar parada, ai diziam seu Rubério a máquina não pode ficar parada, vamos dá uma mãozinha ai, até o operador chegar, que tinha muito, ai eu subia, mais eu subia com medo né, com medo, com medo, ai eu disse homi sabe de uma coisa eu vou cair fora, ai pronto (eu no fundo, ai o senhor saiu da empreita) ai eu sair da empreiteira, quando sair, mais ai eu antes de eu sair, eu já tinha feito um teste na

loca rio que era da Chesf

Entrevistador [Aline Soares Santos]: que era empreiteira da Chesf também né?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: que era empreiteira da Chesf também, aqui no Xingó, aí eu fiz o teste e passei, passei no teste e fiquei aguardando né, o cara tava trabalhando, só que quando eu já estava com um negócio certo, eu só estava esperando ser chamado entendeu, eu disse sabe de uma coisa eu vou eu vou cair fora. Ai pedi as contas e com poucos dias fui chamado pra lá, pra trabalhar, ai trabalhei, trabalhei um bocado de tempo lá, mas aí eu tinha, tinha o bar, que eu tinha o bar e trabalhava também, tinha o emprego, aí eu fui cismeie e disse que saber de uma coisa eu não vou trabalhar pra ninguém mais não, aí vim, quando cheguei aqui meu compadre Celso que era o prefeito daqui que era meu compadre, aí meu bar era ali [palavra inaudível] perto dali daquele negócio que vende gelo pra ali, aí eu disse compadre rapaz vê se o senhor me arruma um terreno ali em cima da quadra pra mim montar um bar, ai eu disse a ele onde, eu disse ontem tem aquele pé ali, pé, aquele monte de pé de pau lá, que tinha grandão lá na coisa, ai ele disse compadre faz o seguinte, amanhã eu venho aqui e nós vamos dar uma olhada lá, ai eu fiquei esperando, no outro dia chegou ele, chegou keninho, chegou Reginaldo Rodrigues, advogado que trabalhava na prefeitura também, ai ficaram lá encima, Keninho encostado na grade que era quase em frente ao bar, ai chamou compadre, todo mundo me chama de compadre lá, aí disse compadre, compadre que falar com você aqui, aí eu subir, chegando lá eu marquei onde era lá que tinha um pé de pau grande, que dava pra colocar um bocado de mesa, só que aí quando eu disse lá, ele disse compadre aqui vai dá problema sabe porque, porque esse bar vai ter que ter cozinha, banheiro, vai ter que ter pia, aqui vai da problema por isso, naquele lado de lá ele apontou se o senhor quiser eu assino embaixo, ai eu fui, ai tinha um rapaz ali que fazia blocos, fui lá e comprei lá um mil blocos, ai ele trouxe com uns dois a três dias, ai eu comecei, coloquei pedreiro lá e pei, pei, pei, pei, pei, pei, pei, ai fui aumentando era pequeno o espaço, ai eu fui aumentando derrubando os pés de pau, entendeu, naquele tempo não tinha o Iphan aqui, não tinha nada, ai eu derrubei uns pé de pau e aumentei o bar, você conheceu meu bar ? (eu respondo conheci não seu Rubério, conheci não ele) outro dia vou lá te mostrar ele, era grande, aí o que acontece aí fiquei trabalhando, trabalhando, trabalhando, trabalhando, trabalhando, aí foi quando Melina precisava do terreno ali pra montar a orla, ai me indenizarão, e eu sai de lá e do terreno lá de cima, (aí o senhor saiu aqui de baixo?) não eu fiquei aqui embaixo, eu morava aqui já, morava aqui, eu morava nessa casa aqui, que quando eu fiz essa casa aqui, eu morava aqui, tinha três quartos, com a família todinha, só que quando, eu, eu morava aí, meu pai era torneiro mecânico aqui, e já estava aposentando, que trabalhou na Chesf 12 anos e foi amputada as pernas dele (do seu pai) do meu pai, só que ele

queria vim embora pra Piranhas, quando ele queria vim embora pra Piranhas, ai não tinha uma casa plana aqui, tudo ali, cheio de ladeira, pra subir cadeira de roda, ai eu fui e falei com compadre, compadre papai, que ele era muito amigo de papai, entendeu, ai papai que vim embora pra aqui, mas está com problema, está com diabetes, perdeu as pernas, e não tem nenhum lugar plano aqui, aí ele disse compadre e onde o senhor acha que tem um lugar plano aqui pra o senhor, aí eu disse, compadre aqui ali vizinho a torre, na época só tinha uma casa vizinha a minha[palavras inaudíveis] só tinha uma valona e essas duas casas aqui, aí eu disse compadre é ali vizinho a torre, que é plana, ai ele disse pronto compadre pode construir, aqui naquele tempo não tinha o Iphan, não tinha nada, aí vire e mexe fazia alguma coisa, aí eu fui e comecei no terreno, fiz o alicerce tudo, nivelei o terreno todo, meu pai veio aqui morava em Delmiro, veio aqui e se agradou do terreno que ele já conhecia, do tempo que ele trabalhava aqui, ai com uns 8 a 15 dias ele caiu dentro do banheiro, caiu e bateu com a cabeça no sanitário, no vaso sanitário e morreu. Morreu e ficou a casa aí e o terreno, ai eu disse o terreno eu não vou dá a ninguém não, vou construir, ai construir, aí eu construir que na verdade era menor o terreno que ficou da casa, pra fazer a casa dele, aí eu ainda tirei um monte de pedra dali pra fazer a área, entendeu, e terminei ela, aluguei pra master, pra empresa da master pra os [palavra inaudível]morar nela só que quando ele me entregou eu morava aqui, ai pronto eu fui morar nela, na casa.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Rubério antes de trabalhar na Chesf, aos 18 anos, o senhor trabalhou com outra coisa por aqui em Piranhas?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Trabalhei, eu trabalhei de ajudante, de ajudante de padaria, em padaria, vendi pão, na mesma padaria, eu trabalhava de ajudante e trabalhava vendendo pão também, ai depois disso ai, meu pai colocou eu pra estudar em Pão-de-açúcar, só que eu fui, estudar lá na casa de um tio meu, mais eu, eu acostumado na malandragem aqui né, de Piranhas, ai eu rapaz eu não vou estudar não rrsrs, não vou estudar não eu vou cair fora, ai vim embora, quando cheguei aqui, ai meu pai botou eu pra estudar na casa de uma irmã dele em Delmiro uma tia minha, ai eu comecei a estudar, estudando, estudando, estudando

Entrevistador [Aline Soares Santos]: em Delmiro Gouveia?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: em Delmiro Gouveia, ai lá era uma malandragem danada também, aí eu disse sabe de uma coisa, vou cair fora, só que quando eu cheguei aqui, entendeu, tinha festa, aí eu pedia pra mãe, oh mãe, pra minha mãe pedir um trocadinho ao meu pai pra eu não ir liso né, dinheiro pra ir pra a festa, queria tomar umas gorotinhas, uma cervejinha, um refrigerante, as vezes com uma namorada ai tinha que pagar um refrigerante a namorada. Aí eu sei que trabalhei, fiquei trabalhando na padaria, é só que quando surgiu a

estrada da Sudene, entendeu

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Estrada o que?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Estrada Sudene, era do estado, fazendo, quer dizer ajeitando as estradas né, a estrada cheia de buraco, a estrada de chão, ai a gente tinha que andar com uma carroça, com pá, era muita gente sabe, era um caminhão cheio de gente pra lá, e eu fui até o riacho da ribeira, entendeu, fazendo isso, entendeu, ai foi quando eu com uma idadezinha meia mais avançada, perto de me casar já, ai eu me casei, me casei num domingo quando foi na quarta-feira eu recebi o chamado pra Paulo Afonso, ai continuei trabalhando.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Quer dizer que antes da Chesf o senhor ainda de menor trabalhou como ajudante de padaria, vendeu pão e trabalhou nessa estrada?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]:sim, eu trabalhei na Sudene, naquela estrada de rodagem, e trabalhei por aí, sabe aí depois fui pra Chesf pronto. Comecei a trabalhar lá.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Oh senhor Rubério e sua infância, o senhor lembra que fazia o que aqui em Piranhas, quando o senhor morava.

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: O que eu lembro aqui de Piranhas, eu, eu depois de trabalhar com isso, com a padaria e estrada, eu fui trabalhar como ajudante de marceneiro, com finado Elias que tinha uma bodega, e tinha lá no salão a marcenaria, ai eu fui trabalhar lá de graça, me enxerir lá, ficava lá cunhado, cunhado não sei o que, ai eu disse a ele cunhado eu vou vim aqui te ajudar, como é trabalhar, ai ele disse venha.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Ele era seu cunhado era?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Não, ele não era cunhado, a gente que era muito amigo, a gente se tratava com, como ele era solteirão a gente chamava ele de cunhado né, ai eu fui e trabalhei com ele também de ajudante de marceneiro, foi quando eu peguei uma noçãozinha de negócio de madeira, porque eu fazia quando pegava pedaço de madeira velha, eu fazia uns carrinhos e vendendo e botando o dinheiro no bolso, entendeu, naquela época era jipe, era rural, tinha aquela picape, e aquela caminhonete [palavra inaudível] ai eu fazia, já tinha esse treinozinho foi quando eu fui pra Chesf, que eu não trabalhei mais, ai faço meus trabalhos até hoje, e tô com vontade é de ir longe, com esses trabalhos meu.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Sim, então qual foi o seu primeiro trabalho? Na padaria ou da rodagem? Da estrada?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Tem o que?

Entrevistador [Aline Soares Santos]: O primeiro que o senhor trabalhou.

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: O primeiro foi na padaria, que eu trabalhei de ajudante do padeiro, pronto era pai o padeiro, o padeiro era o pai daquele belo que era soldado

que hoje toca naquela bandinha, num tem aquela bandinha de pife, aquele belo, aquele negão forte, era o pai dele, [palavra inaudível] e de lá eu sair e fui trabalhar na estrada de rodagem, foi quando a Sudene chegou, ela tinha mais salario, ai eu fui pra Sudene, passei um bocado de tempo trabalhando na Sudene, fui até riacho das beiras, hoje ali onde é a delegacia, onde era, ali era um matadouro da prefeitura ali.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: O senhor falou que começou a trabalhar com uns 10 a 11 anos de idade né?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]:É eu tinha mais de 10 anos já, mais ou menos de uns 11 a 12 anos por aí assim.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Rubério em 1959 o senhor foi trabalhar na Chesf, aí trabalhou durante 25 anos lá né?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: É.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Aí quando o senhor terminou de trabalhar na Chesf, o senhor começou a fazer os artesanatos, que foi em 1984 foi isso?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: É parece foi, eu não tenho muita lembrança, mais deve ter sido nesse período ai porque é o seguinte, eu não só trabalhei com artesanato, eu tinha comércio, quando eu cheguei aqui, eu botei bar, até cinema aqui eu botei, no salão que eu tinha, coloquei cinema, entendeu, e, e, botei bar, botei mercado, botei, botei, botei, esse negócio de cinema, uma sala de cinema, entendeu, mais ai foi quando eu botei o mercado, entendeu, e Álvaro passava lá na frente e eu tava trabalhando no mercado, porque eu nunca gostei de está parado, se eu gostasse de tá parado eu não tinha isso aqui, mais eu venho todos os dias pra aqui porque eu gosto de estar trabalhando, ai ele viu, foi quando ele viu eu fazendo, foi até um catamarã desse, o catamarã, ai ele ficou olhando, olhando, olhando, eu fazendo os trabalhos lá, foi quando ele, Rubério rapaz você tem que, com é, você tem que ficar conhecido viu, ai eu disse, Álvaro eu faço aqui é porque pra não está parado né, o movimento do mercado era fraco demais, ai eu pra não ficar parado eu fico fazendo meus trabalhos aqui, ai foi quando ele levou o projeto pra prefeita, ai a prefeita disse não vamos te ajeitar, ai foi quando eu recebi o destaque em 2019, da câmara, e fui pra Maceió representando a feira do município daqui.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Foi 2019 isso? Representando a feira?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Foi, 2019. Não, eu fui receber o destaque em 2019, aí fui representando a feira do município.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Foi pra Maceió?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Fui pra Maceió.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Seu Rubério o senhor, sabe me dizer quanto tempo, se

o senhor parar pra fazer só uma Carranca, quanto tempo o senhor leva?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Rapaz, olhe, eu não sei tempo assim não, porque é o seguinte, pra você vê, eu estou com 8 dias fazendo esses barcos aqui, 8 barcos, um eu vendi hoje, pra Maceió, quer dizer tem uns 8 dias e eu tô com esses barcos tudo aqui quase pronto, que tá faltando é que eu colei um banco ai, e faltando as velas, somente, botando a vela nesses três ai, esse já está quase pronto falta só fazer a [palavra inaudível] que é uma chata, dentro de 8 dias eu fiz esses trabalhos tudinho, agora vamos ver.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: 8 canoas é? É as canoas de tolda aí?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Não, ai tem 4, 3 canoa de corrida, que leva duas velas elas, entendeu, e tem 1 uma chata e tem duas, agora tem 3 era 4 dessa ai, entendeu, porque é o seguinte, mais ai, esse aqui é mais fácil, mais rápido, agora um barco desse aqui, tenho que levar um tempinho pra fazer, agora veja bem eu fiz pra Chesf, um contrato, ele, ele teve aqui, teve aqui ontem, é Flávio Mota, e, e, como é, o menino lá da Chesf, vieram aqui, só que é o seguinte, eles não falaram comigo, porque na hora que eles vieram aqui, tiveram aqui, eu tinha ido pra casa, tinha ido almoçar e tava deitado, mas Lúcio, foi quem me disse que eles tiveram aqui, entendeu, eu disse mais rapaz tiveram aqui, mas não me chamaram, se tivessem me chamado eu tinha vindo atender, aí veio Flávio Mota e o outro lá da Chesf, tiveram os dois aqui, parece que eles queriam falar alguma coisa comigo, mas eu não sei o que é né, mais acho que devem vim aqui ainda.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: O comendador Peixoto o senhor tem noção quanto tempo o senhor leva pra fazer um?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes] : Olhe, as embarcações que eu fiz dentro de 30 dias, de 60 dias, repare mesmo, olhe, eu fiz o Comendador Peixoto, eu fiz a Tupi, Tupigi, Tupan, fiz a Canoa de Tolda, fiz uma Chata dessa aí, entendeu, fiz a Chata, qual foi o outro, qual foi o outro, fiz a Chata, a Canoa de pescaria dessa aqui, e o trem do jeito que tá aí oh, eu fiz dentro de 60 dias para Chesf, está vendo esse mesmo trabalho aqui? Tem lá na igual na Chesf.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Então assim, não tem uns dias exato, porque o senhor mexe hoje em um.

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Veja bem eu não tenho a data certa assim, de quantos eu faço, porque eu não faço um. Eu faço várias, aí eu não tenho base de quantos dias ou horas eu gasto fazendo.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Gasta fazendo uma né.

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes] : Porque dentro de 8 dias eu fiz essas, tem 8 aqui, essas aqui, aquelas pequeninhas ali, eu não faço uma só, se eu for fazer uma só eu vou perder

tempo, sabe, aí faço várias, entendeu, pra aprontar várias.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Rubério, o senhor falou que quando criança brincava muito de bola aqui era?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Brincava de bola, ali naquele campo, toda vida teve aquele campo ali de futebol, ali onde hoje é o campo gramado, não era gramado na época, a gente quando era menino novo não tinha o que fazer, o que tinha de fazer era ir para o campo jogar bola, entendeu.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Aí criança o senhor jogou muita bola aqui no campo?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Joguei. Joguei, joguei, joguei aqui e a gente tinha outro campo que era na lagoa da mulata, ali em frente, de frente ao mix, onde fica aquele pessoalzinho uma areazinha onde tem um negócio de moto taxi ali, ali tinha uma lagoa, ali perto tinha um campo de futebol, esse campo ele era plano, entendeu, não tinha pedra, era um campo muito bom lá sabe, e quando a gente queria, pegava carro e ia jogar lá, e, e, e depois vinha de pé que era pertinho.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Aí as lembranças que o senhor tem de criança é quando jogava bola era de Piranhas?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: É de quando jogava bola, é jogava bola e tinha também era os barcos, entendeu, na época tinha um rapaz ali que chamava Miguel Pinto (Miguel Pinto? Pergunto a ele) sim Miguel Pinto, ali em Piranhas de baixo ele fazia, só que ele fazia esses pequenos aqui não, ele fazia assim grandão, pra a gente brincar na beira do rio aí, só que aí pegava pareia, fazia um barco, você fazia outro barco, pra aí depois nós pegar corrida depois, pra pegar pareia, tinha uma festa, nós fazia a festa de Bom Jesus lá no rio, os barcos tudo com as velas fechadas, tudo fechadinho, nos colocava um negócio aqui, aí mais um amarrava um aqui, outro ali, uma canoa dessa aqui de pescaria aí andava, com a gente entendeu, uma fila de 15 a 20 barquinhos, era muita gente ali naquele tempo que gostava dessa brincadeira né, hoje não, hoje ninguém sabe nem o que isso não.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Perdeu né seu Rubério essa tradição?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Foi, perdeu, homiii era bom, a gente ia pra pegar pareia com os barcos, e um falava o meu corre mais que o seu, aí o outro o meu que corre, aí as vezes apostava, apostava quando estava só os dois.

Entrevistador [Aline Soares Santos]: Brincadeira de menino né?

Entrevistado [Rubério de Oliveira Fontes]: Era, brincadeira de menino, rapazinho novo era, novinho, com meus 8 a 10 anos por aí mais ou menos.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
GEPESH/LABEMIH

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Ao Grupo de Estudo e Pesquisa em História Cultural (GEPESH) e ao Laboratório de Ensino, Memórias, Identidades e Histórias (LABEMIH), do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas.

Eu, Rubério de Oliveira Fontes, CPF [REDACTED] declaro para os devidos fins que cedo os direitos de uso *da minha entrevista gravada e transcrita, e uso de imagens (fotografias)*, previamente autorizados, para que pesquisadores vinculados às instituições mencionadas ou sob sua supervisão possam utilizá-la com o objetivo restrito de guarda, análise, investigação, produção e divulgação de conhecimento científico, cultural e/ou pedagógico. Da mesma forma, estendo os limites a terceiros, ficando vinculada a disponibilidade dessa entrevista aos cuidados do Grupo de Estudo e Pesquisa em História Cultural (GEPESH) e ao Laboratório de Ensino, Memórias, Identidades e Histórias (LABEMIH), do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas, que passarão a ter a guarda deste material.
Em conformidade com o exposto, subscrevo o presente documento.

Rubério de Oliveira Fontes

Delmiro Gouveia, 25 de novembro 2022.

APÊNDICE – 2

Entrevista realizada no dia 18/11/2022

Entrevistado: Álvaro António Moreira da Silva, residente em Piranhas/ AL.

NOME: Álvaro António Moreira da Silva

BIOGRAFIA CURTA: Arquiteto e Urbanista; Turismólogo; Especialização em Conservação Urbana Integrada/UFPE/UNESCO; Mestre em História UFPE; Gestor do Centro Cultural e Ações Socioambientais – CASA;

IDADE: 67 anos;

CIDADE NATAL: Recife;

CIDADE QUE RESIDE: Piranhas/Alagoas;

ATIVIDADE PROFISSIONAL: Arquiteto e urbanista, Gestor Cultural da CASA.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

O que você entende como sendo cultura?

Cultura é uma invenção humana, diria e até arrisco em dizer que tudo que não é da Natureza é cultura, é invenção humana claro, colocando o homem dentro do ambiente natural... imagina!!!! imaginar que um Ser pode desenvolver capacidades, descrever emoções e sentimentos, sonhar, registrar, criar, inventar, reinventar... a cultura nasce das necessidades (daí, a invenção) humanas inclusive de se relacionar com a Natureza (aqui natureza como fonte inspiradora e de acessibilidade permissível para concretização de transformações impostas pelo homem que se utiliza desses bens, que os transforma para o bem ou para o mal)... Natureza como fonte de inspiração ou como primeira fonte de inspiração humana, aliada a sobrevivência, aliada ao imaginário, ao simbolismo... a cultura é carregada de símbolos, sentidos, retratados e codificados, expressados pelos saberes, fazeres, ofícios, capturação do além, cultos... Cultura é a maior invenção do Homem!

Quais as formas de arte que retratam a região de Piranhas que você conhece?

Quase sempre falo sobre a inspiração captada pelo homem por meio dos cenários da Natureza, seus arredores, das referências de elos do passado herdados, memória, identidade ... natureza como fonte primária de inspiração que nos cercam, evidentemente, agregada aos componentes dos povos primitivos/nativos que aqui depositaram suas contribuições entre espaços abertos para interpretações e reinterpretações onde cedem lugar ao colonizador e como em tantos lugares misturaram-se gerando fenômeno do hibridismo cultural... mistura, reinvenção, invenção, adaptação, criações por meio de repasses de pintura, gravuras, oralidades, danças, utensílios, artefatos, armas, formas de cocção, vasilhames, edificações, equipamentos, apetrechos de pesca, barro – cerâmica... entre outros necessários para suas sobrevivências, para nossas sobrevivências... assim mantenho esse olhar para Piranhas atual, sem desprezar o olhar do tempo passado, as contribuições recebidas... Piranhas é uma grande inspiração que se reinventa... a Arte na Lapinha está espalhada por todos os lugares, todos os cantos, todos os ares... Sobre Arte começaria pelos sons que se espalham pela concha acústica natural onde a cidade se implantou, edificada nas encostas das serras como constante plateia que reverência permanentemente o Rio chamado São Francisco. A musicalidade se espalha. Os ventos sopram, canalizados pelos paredões dos cânions, provocam verdadeiro moinho e redimoinhos de sons, muitas vezes já esperados pela população, de onde veem??? Arte são os ensaios da Banda Filarmônica Mestre Eliseo, são os acordes das sanfonas de Ivo, do Zé de Mendes, do Elsinho, são os sons do Pife de Damião do Cabrobó ou da Banda de Pífano da CASA, Pife do Piau, Pife de Lagoa Nova com flauta, zabumba, prato e pandeiro. Artes são o fazer da pintura que se engrandece nas paletas e pinceis do Paulo Ventura óleo sobre tela revelando o conjunto do casario colonial, na pintura da artista plástica Eliane Quirino, a Arte se revela no bordado de Entremontes são *boa noite, redendê, labirinto, ponto cheio e de cruz, bilros, croché*... ainda a Arte da rede de pesca, tarrafa, o covão do camarão pitu arte pura artesanal... a Arte do teatro dos autores, das atrizes romanceadas pelas Estrelas do Sertão, os folguedos da Arte Popular representados pelo Pastoril da CASA, pelo Reisado do Piau, pelo Samba de Tebei da Comunidade Quilombola de Lages, são Artes as danças do Xaxado e Quadrilhas juninas piranhenses... São Artes os blocos carnavalescos Os Trovadores, As Borboletas e Os Trovoletas... existe ainda a Arte do artesão Mestre Rubério que tem dedicado produção pros equipamentos náuticos e ferroviários, (embarcações sanfranciscanas – canoa de tolda, chata, grandes vapores (Tupygi, Floriano Peixoto, Tupan), canoas, lanchas e catamarãs), a ferrovia

(locomotivas Marias Fumaça, Rotatória e vagões), carrancas, entre outras peças e inspirações.

Qual é a importância e contribuição, que se tem, através do artesanato do senhor Rubério para a cidade, em sua opinião?

O Mestre Rubério atualmente é a maior referência do artesanato náutico e ferroviário do Baixo São Francisco. Pela singularidade de sua produção, esculturas, miniaturas extremamente bem elaboradas, fiéis a escala e cromaticidade, madeira e entalhes com peças minuciosamente entalhadas... é de tirar o fôlego!!! Sua Arte tem discurso e concepção bem embasadas por isso mesmo vai muito além daquela produção “do objeto” artesanal produzido visando só e somente só o lucro. O grande diferencial da sua produção artesanal de miniaturas revelados nas embarcações e locomotivas, o Mestre é também um depositário de memória que se mistura com a própria história recente da cidade de Piranhas e da Região. Detalhista e sempre com disponibilidade para uma boa conversa, aos 81 anos surpreende com seu trabalho e relatos.

O artesanato de Rubério te traz alguma recordação? O que você pensa quando vê as peças feitas do artesão.

No meu caso, conheço bem o Baixo São Francisco, e sei bem a importância do Mestre na captação da materialização das peças como memória. Recordações das minhas andanças, dos encontros com pescadores e barqueiros, expedições científicas registradas... não tem como você andar numa Lancha, Canoa de Tolda, ou Chata ou até mesmo numa Maria Fumaça (em qualquer lugar do mundo) que não se lembre do Mestre.

Não é tão fácil falar da produção do Mestre Rubério, há uma exigência mínima requerida a quem se interessar que é gostar de Arte, saber, ver e ouvir... valorizar! O Mestre reúne várias qualificações pois, sua técnica empregada na confecção das peças exige um domínio no manuseio de vários equipamentos e até improvisações e, é bonito você assisti-lo no seu ateliê trabalhando, explicando e sempre detalhando, o Mestre é muito sincero e direto nas suas colocações, mas, mostra-se paciente e didático, geralmente conta sua história de vida e a de seu ofício, basta saber provocá-lo.

Como você descreveria as peças confeccionadas, pelo artesão?

Resultado de: Esmero. Detalhe. Técnica. Precisão. Domínio. Sentimento. Responsabilidade.

Memória. Identidade. História... Arte!

Você vê no artesanato de Rubério uma ferramenta de salvaguardar os acontecimentos históricos ocorridos no baixo São Francisco, principalmente em Piranhas? Por quê?

Evidentemente que a Arte do Mestre Rubério tem papel fundamental na questão das permanências e conservação desses bens patrimoniais da cultura sanfranciscana. Há que se cuidar desses valores patrimoniais da forma mais eficaz aqui em Piranhas e, uma das maneiras seria a Secretaria de Cultura conjuntamente com a Secretaria de Educação Municipal abrir espaço para visitas, do alunato, ao Atelier do Mestre Rubério, entrevistando-o, fotografando-o, produzindo vídeos ou mesmo nas escolas realizando exposições de objetos, convidá-lo para palestras, conversas etc, mas, importante mesmo seria o repasse do conhecimento por meio da promoção de oficinas e/ou cursos para jovens que se interessem, se identifiquem com a Arte do Mestre Rubério etc... seriam ações que manteriam em alta a estima do Mestre e, conseqüentemente uma maior apropriação desses bens culturais pela população piranhense. São estratégias simples no âmbito daquelas secretarias ampliando as questões dos bens culturais patrimoniais, no caso imaterial, pelo viés da educação histórico patrimonial; Outro norte a ser seguido seria uma exposição itinerante percorrendo todas as escolas municipais e estaduais dos 22 municípios que compõem o Baixo São Francisco. Isso não é impossível de se realizar. A própria Universidade Federal de Alagoas, UFAL, poderia realizar eventos culturais mais próximos da realidade do patrimônio cultural com ocorrências no Alto Sertão alagoano, muito possível de realização.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
GEPESHC/LABEMIH

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Ao Grupo de Estudo e Pesquisa em História Cultural (GEPESHC) e ao Laboratório de Ensino, Memórias, Identidades e Histórias (LABEMIH), do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas.

Eu, Alvan Antonio Moreira da Silva, CPF [REDACTED] declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista por questionário, previamente autorizados na data de sua realização, ocorrida em 27/09/2022 para que pesquisadores vinculados às instituições mencionadas ou sob sua supervisão possam utilizá-la com o objetivo restrito de guarda, análise, investigação, produção e divulgação de conhecimento científico, cultural e/ou pedagógico. Da mesma forma, estendo os limites a terceiros, ficando vinculada a disponibilidade dessa entrevista aos cuidados do Grupo de Estudo e Pesquisa em História Cultural (GEPESHC) e ao Laboratório de Ensino, Memórias, Identidades e Histórias (LABEMIH), do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas, que passarão a ter a guarda deste material. Em conformidade com o exposto, subscrevo o presente documento.

Alvan Antonio Moreira da Silva

Delmiro Gouveia, 01 de Novembro 2022.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
GEPESH/LABEMIH

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Ao Grupo de Estudo e Pesquisa em História Cultural (GEPESH) e ao Laboratório de Ensino, Memórias, Identidades e Histórias (LABEMIH), do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas.

Eu, Alvaro Antônio Moreira de Silva CPF [REDACTED] declaro para os devidos fins que cedo os direitos do *Projeto Rubério um artesão de Piranhas*, previamente autorizados, para que pesquisadores vinculados às instituições mencionadas ou sob sua supervisão possam utilizá-la com o objetivo restrito de guarda, análise, investigação, produção e divulgação de conhecimento científico, cultural e/ou pedagógico. Da mesma forma, estendo os limites a terceiros, ficando vinculada a disponibilidade dessa entrevista aos cuidados do Grupo de Estudo e Pesquisa em História Cultural (GEPESH) e ao Laboratório de Ensino, Memórias, Identidades e Histórias (LABEMIH), do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas, que passarão a ter a guarda deste material.

Em conformidade com o exposto, subscrevo o presente documento.

Alvaro Antônio Moreira de Silva

Delmiro Gouveia, 01 de novembro 2022.

APÊNDICE – 3

Entrevista realizada no dia 28/11/2022

Entrevistado: Felipe Idalino V. do Nascimento, residente em Piranhas/ AL.

NOME: Felipe Idalino V. do Nascimento.

BIOGRAFIA CURTA:

Licenciado em História (UFAL), pós-graduado em Arqueologia e Patrimônio. Idealizador do bloghistoriasertao.blogspot.com que visa divulgar a história e memória do sertão alagoano. Também idealizador da página @estradaferropauloaffonso (Facebook e Instagram) que foca na pesquisa relacionada a história dessa ferrovia e sua influência nos sertões através de *lives* com pesquisadores e especialistas na área.

IDADE: 36 anos;

CIDADE NATAL: Paulo Afonso/BA;

CIDADE DE RESIDE: Piranhas/AL;

ATIVIDADE PROFISSIONAL: Funcionário Público.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

O que você entende como sendo cultura?

Resposta:

Toda manifestação humana material e imaterial que coloque em relevo tradições, valores, crenças, cotidiano, arte, ideias e etc de um povo.

Quais as formas de arte que retratam a região de Piranhas que você conhece?

Resposta:

Existem várias, mas como sintetizador de uma relação da cidade com o rio, a arte em madeira do Mestre Rubério na minha opinião é a maior expressão em Piranhas. Sua carranca possui um estilo único. Suas embarcações reproduzem a memória de um passado glorioso das

carreiras do Baixo Rio São Francisco, as famosas Tupan, Tupy, Tupigy, Comendador Peixoto, Canoa Chata, Canoa de Tolda e dos tipos mais recentes, como os catamarãs. Também a extinta e quase esquecida ferrovia que existiu aqui também é representado em suas peças. São várias faces da história que aparecem em sua obra.

Qual é a importância e contribuição, que se tem, através do artesanato do senhor Rubério para a cidade, em sua opinião?

Resposta:

A preservação da história e da memória naval e ferroviária do Baixo Rio São Francisco.

O artesanato de Rubério te traz alguma recordação? O que você pensa quando vê as peças feitas do artesão.

Resposta:

Recordação não, pois não fui contemporâneo da história que sua arte representa. O trem foi desativado em 1964 e as principais embarcações navegaram até 1970/80 quando o barramento hidrelétrico de Sobradinho, Itaparica e Xingó alteram o fluxo do rio. Mas, nos faz imaginar como seria o passeio de trem entre Piranhas e jatobá, assim como navegar nos navios lendários como o Comendador Peixoto.

Como você descreveria as peças confeccionadas, pelo artesão?

Resposta:

Suas embarcações são confeccionadas em sua maioria de cedro, madeira rara e nobre por aqui, num processo totalmente artesanal e com algumas ferramentas criadas ou adaptadas por ele. Rememoram embarcações reais que navegaram somente aqui, no Baixo Rio São Francisco entre Piranhas e Penedo. Seus detalhes são buscados na memória e em algumas poucas fotos que sobreviveram ao tempo. Sua escala é o próprio olho e a experiência. A ferrovia também é um elemento que aparece em sua arte, seja na locomotiva, nos vagões, pontes e rotunda. Seu pai era funcionário na então Rede Ferroviária do Nordeste e Rubério ainda menino acompanhou muitos dos processos de criação do seu pai como serralheiro e operador do torno mecânico da oficina das locomotivas. Herdou a precisão e o detalhe que hoje se manifesta em sua obra. As carrancas é um outro elemento de seu portfólio de obras, sua cunha e diferenciada, arrisco a dizer até mais assustadora que as tradicionais, o preto e o vermelho predominam nas cores, possuem um estilo único.

Você vê no artesanato de Rubério uma ferramenta de salvaguardar os acontecimentos

históricos ocorridos no baixo São Francisco, principalmente em Piranhas? Por quê?

Resposta:

Sim. Mestre Rubério é último remanescente vivo da arte naval miniaturizada em madeira do baixo Rio São Francisco. Além da memória afetiva que desperta naqueles que um dia puderam estar a bordo das embarcações e do trem, suas obras representam a preservação da memória naval e ferroviária, haja vista os poucos registros fotográficos existentes.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
GEPESH/ LABEMIH

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Ao Grupo de Estudo e Pesquisa em História Cultural (GEPESH) e ao Laboratório de Ensino, Memórias, Identidades e Histórias (LABEMIH), do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas.

Eu, FELIPE ISIDORO V. DO NASCIMENTO, CPF [REDACTED] declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista por questionário, previamente autorizados na data de sua realização, ocorrida em 27/09/2022 para que pesquisadores vinculados às instituições mencionadas ou sob sua supervisão possam utilizá-la com o objetivo restrito de guarda, análise, investigação, produção e divulgação de conhecimento científico, cultural e/ou pedagógico. Da mesma forma, estendo os limites a terceiros, ficando vinculada a disponibilidade dessa entrevista aos cuidados do Grupo de Estudo e Pesquisa em História Cultural (GEPESH) e ao Laboratório de Ensino, Memórias, Identidades e Histórias (LABEMIH), do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas, que passarão a ter a guarda deste material. Em conformidade com o exposto, subscrevo o presente documento.

Felipe Isidoro V. do Nascimento

Delmiro Gouveia, 28 de novembro 2022.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
GEPESH/ LABEMIH

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Ao Grupo de Estudo e Pesquisa em História Cultural (GEPESH/ C) e ao Laboratório de Ensino, Memórias, Identidades e Histórias (LABEMIH), do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas.

Eu, FELIPE IDALINO V. DO NASCIMENTO, CPF [REDACTED] declaro para os devidos fins que cedo os direitos de *uso de imagens (fotografias) referentes ao artesão Rubério e a cidade de Piranhas/AL*, previamente autorizados, para que pesquisadores vinculados às instituições mencionadas ou sob sua supervisão possam utilizá-la com o objetivo restrito de guarda, análise, investigação, produção e divulgação de conhecimento científico, cultural e/ou pedagógico. Da mesma forma, estendo os limites a terceiros, ficando vinculada a disponibilidade dessa entrevista aos cuidados do Grupo de Estudo e Pesquisa em História Cultural (GEPESH/ C) e ao Laboratório de Ensino, Memórias, Identidades e Histórias (LABEMIH), do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas, que passarão a ter a guarda deste material. Em conformidade com o exposto, subscrevo o presente documento.

Felipe Idalino V. do Nascimento

Delmiro Gouveia, 28 de novembro 2022.